



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
TECNOLÓGICA
CENTRO DE FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE, AMBIENTE E
QUALIDADE DE VIDA**

KARINA BARROS GONÇALVES

**PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO DE SANTARÉM: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS
DOS SUJEITOS LOCAIS**

**SANTARÉM - PARÁ
2022**

KARINA BARROS GONÇALVES

**PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO DE SANTARÉM: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS
DOS SUJEITOS LOCAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida, do Centro de Formação Interdisciplinar – CFI, da Universidade Federal do Oeste do Pará, como exigência para obtenção do título de Mestre em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida, elaborada sob a orientação do Prof. Dr. Itamar Rodrigues Paulino, UFOPA.

Linha de Pesquisa: Políticas Públicas, Diversidade e Desenvolvimento Amazônico.

Orientador: Prof. Dr. Itamar Rodrigues Paulino

**SANTARÉM – PARÁ
2022**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

G635p Gonçalves, Karina Barros
Patrimônio arquitetônico de Santarém: memórias e histórias dos sujeitos locais./
Karina Barros Gonçalves. – Santarém, 2023.
80 p. : il.
Inclui bibliografias.

Orientador: Itamar Rodrigues Paulino.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Centro de Formação Interdisciplinar, Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida.

1. Cultura. 2. Memória. 3. Amazônia. 4. Patrimônio arquitetônico. I. Paulino, Itamar Rodrigues, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 981.15

KARINA BARROS GONÇALVES

**PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO DE SANTARÉM: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS
DOS SUJEITOS LOCAIS**

Avaliação de Defesa apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Mestrado Acadêmico em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida, do Centro de Formação Interdisciplinar, como exigência para obtenção do título de Mestre em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida, elaborada por Karina Barros Gonçalves, sob a orientação do Prof. Dr. Itamar Rodrigues Paulino.

CONCEITO: APROVADA

Data de aprovação: 30/08/2022

MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA DE DEFESA:

Prof. Dr. Itamar Rodrigues Paulino
Orientador - Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

Prof. Dr. Augusto Rodrigues da Silva Júnior
Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Dr. Raimundo Valdomiro de Sousa
Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

Aos meus avós Barrinho, Washington, Raimunda e Mindoa (*in Memoriam*) que tanto me fizeram gostar de ouvir.

À Alexandre Jorge e Linda Maria por serem minha razão de viver.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pois nos momentos mais difíceis não me deixou cair por muito tempo.

À Fatima Barros e Hudson Gonçalves, meus pais. Por todo amor, carinho, paciência e apoio em todos meus momentos de fraqueza e dúvida, assim como nos de felicidade e vitória. Amo vocês.

À Krishna Barros, minha irmã e modelo, obrigada por toda ajuda e preocupação desde junho de 1993.

Ao Alexandre Freire, meu companheiro, por estar aqui sempre.

Às mulheres fortes que me cercam, que não perderam oportunidades de incentivar e ajudar como puderam nesse período, especialmente, Tia Elza, às abelhas (Silvinha, Mariana e Júlia), Pamela Pinho, Pamela Pires, Thamires, Paula, Talita e mais outras tantas amigas que não soltaram minha mão durante o processo.

Aos cinco idosos entrevistados que me acolheram em suas casas e serviram os cafés mais gostosos e cheios de carinho que eu poderia ter tomado.

À turma 2019 do PPGSAQ, que se esforçou triplicado durante a pandemia e nunca deixou faltar incentivo aos que muitas vezes se desesperaram com prazos e dúvidas, principalmente, minhas queridas colegas Cristina, Sabrina, Gisele e Angélica.

À Isa por ter me ouvido e entendido tanto, até de madrugada.

Ao professor Dr. Itamar Paulino pela orientação e caminhada nesses longos meses até que a dissertação fosse concluída.

À Dona Estelina e Joice da secretaria, que me auxiliaram da melhor forma possível todas as vezes que pedi ajuda.

RESUMO

O presente texto dissertativo versa sobre o estudo sobre cultura e o resgate das memórias dos idosos e história social do ambiente, e busca responder à questão científica que norteará a pesquisa, a saber, *o bairro centro da cidade de Santarém tem sido valorizado e preservado em sua estrutura arquitetônica segundo as narrações memoriais das pessoas idosas que moram nesta região?* Com esse propósito intencionamos alcançar nossos objetivos que foram perquirir cenários do patrimônio arquitetônico na memória e história dos sujeitos sociais que vivenciaram as construções históricas do município de Santarém; registrar as narrações memoriais dos idosos e trazer ao cenário dos estudos culturais amazônicos suas presenças que estavam como que amortecidas no cotidiano e, principalmente, valorizar tais narrações das pessoas envolvidas na pesquisa, destacando a expressividade dos mais velhos sobre a conflituosa ação entre o preservar e o transformar urbano. Em nosso procedimento metodológico optamos pelo uso de uma abordagem qualitativa da pesquisa com o registro da história oral a partir e por meio de um roteiro de entrevistas para o registro de relatos e coleta de informações em campo. A escrita da dissertação foi concentrada numa concepção de estudo sobre cultura e o uso das narrativas memoriais dos idosos como ferramentas para preservação não somente de suas memórias como também da cultura do povo amazônica que vive na região oeste do Pará, às margens do rio Tapajós, e como resposta à questão científica que propomos responder em nossa pesquisa.

Palavras-Chave: Cultura. Memória. Amazônia. Patrimônio arquitetônico.

ABSTRACT

The present dissertation is about the study of culture and the rescue of the memories of the elderly and the social history of the environment, and seeks to answer the scientific question that will guide the research, namely, the downtown neighborhood of the city of Santarém has been valued and preserved in its architectural structure according to the memorial accounts of the elderly people who live in this region? With this purpose in mind, we intend to achieve our objectives, which were to investigate scenarios of architectural heritage in the memory and history of social subjects who experienced the historical constructions of the municipality of Santarém; register the memorial narrations of the elderly and bring to the scenario of Amazonian cultural studies their presences that were as if deadened in everyday life and, mainly, to value such narrations of the people involved in the research, highlighting the expressiveness of the elders about the conflicting action between preserving and the urban transform. In our methodological procedure, we chose to use a qualitative approach to research with the record of oral history from and through an interview script for recording reports and collecting information in the field. The writing of the dissertation was focused on a conception of study about culture and the use of memorial narratives of the elderly as tools for preserving not only their memories but also the culture of the Amazonian people who live in the western region of Pará, on the banks of the Tapajós River, and as an answer to the scientific question that we propose to answer in our research.

Keywords: Culture. Memory. Amazon. Architectural heritage.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Bairro Centro localizado na cidade de Santarém/Pará. Fonte: Google Maps/2021.....	44
Figura 02: Bairro Centro localizado na cidade de Santarém Pará. Fonte: Google Maps Satélite/2021.....	44
Figura 03: Solar dos Brancos localizado na cidade de Santarém/Pará. Fonte: Karina Barros, 2015.....	57
Figura 04: Catedral de Nossa Senhora da Conceição localizada na cidade de Santarém/Pará. Fonte: Karina Barros, 2015.....	58
Figura 05: Solar do Barão de Santarém localizado em Santarém-Pará. Fonte: Karina Barros, 2015.....	59
Figura 06: Solar dos Campos localizado na cidade de Santarém/Pará. Fonte: Karina Barros, 2015.....	59
Figura 07: Castelo localizado na cidade de Santarém/Pará. Fonte: Arquivo do Instituto Cultural Boanerges Sena/2022.....	60
Figura 08: Castelo localizado na cidade de Santarém/Pará. Fonte: Arquivo do Instituto Cultural Boanerges Sena/2022.....	60
Figura 09: Castelo localizado na cidade de Santarém/Pará. Fonte: Arquivo do Instituto Cultural Boanerges Sena/2022.....	61

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I - HISTÓRIA DO CONCEITO DE CULTURA: DISCUSSÕES E CONFIGURAÇÕES	15
CAPÍTULO II - MEMÓRIAS DO COTIDIANO COMO MEMÓRIAS CULTURAIS NO CONTEXTO AMAZÔNICO	29
2.1 SOBRE A MEMÓRIA COMO DIMENSÃO ESTRUTURANTE DA IDENTIDADE E DA CULTURA	35
CAPÍTULO III - DIAGNOSE DA CULTURA DE SANTAREM A PARTIR DAS MEMÓRIAS COLETIVAS DE SEUS MORADORES: COMPONDO A PESQUISA EM CAMPO	40
3.1. Quanto aos Fundamentos, Procedimentos Metodológicos, técnicas e instrumentos da Pesquisa	41
3.2. Quanto aos locais da Pesquisa	43
3.3. Perfil dos Entrevistados	45
3.4. Roteiro de entrevista para o registro de relatos e coleta de informações em Campo	45
3.5.1. Quanto as memórias de infância e juventude	47
3.5.2 Quanto as memórias dos patrimônios históricos	54
CONSIDERAÇÕES	67
REFERÊNCIAS	73
ANEXO I	78
ANEXO II	79

INTRODUÇÃO

A região amazônica não é somente rica em fauna e flora, mas também em riquezas culturais. É costume que a região seja tratada apenas como uma grande floresta inabitada, muitas vezes chamada erroneamente de “pulmão do mundo”, como uma forma bem falaciosa de se referir a este lugar.

Entretanto, existem pessoas vivendo nessa região, diversas populações com particularidades distintas umas das outras. Neste caso, nossas pesquisas cientométricas constataram que a região carece de pesquisas voltadas para a imensidão de povos e suas culturas. Por isso, é fundamental apontar a necessidade de os pesquisadores locais produzirem mais sobre a temática, em vista de um entendimento mais científico e menos falacioso sobre a Amazônia. Entre os pesquisadores com esta preocupação estamos nós e os moradores locais que, por meio da experiência e da vivência podemos constatar o quanto ainda está insipiente o estudo sobre tópicos culturais, principalmente, aqueles que fazem parte das dimensões das patrimonialidades amazônicas.

Considerando a Amazônia para além da percepção dela ser uma floresta, é preciso apresentá-la como uma sociedade composta por vários modos de vidas, crenças, costumes, símbolos e conhecimentos. Dada essa riqueza, é preciso urgentemente promover estudos, pesquisas, ações extensionistas que abranjam toda essa multiplicidade, pois todo o modo de vida, costumes, construções dos amazônicos se dão a partir da sua identificação com o ambiente que está inserido.

O presente texto dissertativo tem por finalidade apresentar resultados e discussões da pesquisa sobre Patrimônio arquitetônico de Santarém: memórias e histórias dos sujeitos locais, com a finalidade de responder à questão científica “O bairro centro da cidade de Santarém tem sido valorizado e preservado em sua estrutura arquitetônica segundo as narrações memoriais das pessoas idosas que moram nesta região?”. Nossa pesquisa tem como pressuposto a constatação analítica de que há ausência de registro e falta de catalogação das narrativas memoriais de idosos, cuja expressão é um pedaço importante da história que se perde ou se cai ao esquecimento com o passar do tempo. Por esse motivo, é fundamental registrar e manter viva as narrações memoriais de épocas diferentes da nossa por meio da visão dos moradores mais antigos correlacionando à arquitetura urbanística do centro

histórico santareno, que ainda sobrevive com o passar do tempo, apesar da evidente falta de zelo e senso de preservação.

O interesse pela temática se deu a partir da curiosidade da pesquisadora. A vivência com meus avós maternos, vindos do interior, da comunidade do Ituqui na região de várzea, com 11 filhos e suas histórias contadas ao redor da mesa cheia de parentes aos domingos, fizeram com que ouvir histórias e imaginá-las fosse um dos momentos em família mais satisfatórios de minha infância. A influência do trabalho social realizado por meu pai e um grupo de amigos no Asilo São Vicente de Paula, onde além de cuidados físicos – cortes de cabelo, limpeza, almoço especial - a escuta se fazia importante pelo seu valor de protagonizar a história de vida daquelas pessoas, era notável a satisfação nesses momentos, tanto pelos velhos quanto pela criança curiosa que os ouvia. A vivência com o abandono familiar dos idosos no asilo engatilhou, posteriormente, a vontade de não somente ouvir, mas salvaguardar as lembranças e de certa forma a existência memorial daqueles idosos.

Por isso, a pesquisa tem como principal objetivo investigar as narrativas memoriais dos idosos, a fim de preservar sua história e o não desaparecimento de seus saberes. Essas narrativas serão analisadas a partir e por meio dos cenários dos patrimônios arquitetônico existentes fisicamente ou apenas na memória coletiva dos idosos. A concentração da pesquisa na questão das narrativas memoriais de idosos nos exigiu estudos mais rigorosos sobre a questão da Memória e da Identidade. Neste sentido, bebemos das teorias clássicas de diversas áreas do conhecimento humano, presentes em reflexões de diferentes eixos como fundamentos de um estado da arte, principalmente, autores como Jacques Le Goff, Pierre Nora, Alfredo Bosi, entre outros.

No entanto, durante nosso percurso acadêmico, a pandemia do Novo Coronavírus trouxe uma realidade bastante diferente da que todos estávamos acostumados. Novas dificuldades foram apresentadas, limitações e fraquezas explicitadas, distanciamento não somente físico – o que se fez extremamente necessário no cenário pandêmico – mas também intelectualmente. As universidades públicas e seus professores, acadêmicos e funcionários enfrentaram esse desafio, se reinventando, adaptando, aprendendo e, apesar das inúmeras dificuldades, mantiveram as suas produções científicas. Esta pesquisa enfrentou empecilhos adicionais por ser embasada pelo processo metodológico de história oral, em que/na qual a entrevista presencial, o contato visual e a proximidade da pesquisadora com o

entrevistado são imprescindíveis. Por meses a parte prática do estudo foi adiada, afinal, estávamos lidando com dois integrantes do grupo de risco mais vulneráveis ao Novo Coronavírus: os idosos (entrevistados) e o período de gestante desta pesquisadora. Seguimos todas as recomendações dos órgãos de saúde responsáveis e as deliberações de nosso orientador. Assim, a pesquisa somente foi realizada após a vacinação em massa, a partir de um relativo relaxamento das medidas de segurança, além de as entrevistas terem sido feitas com os participantes fazendo uso de EPIs, observando a devida higienização de aparelhos de uso comum. Importa também apresentar, que todas as entrevistas ocorreram nas residências ou locais seguros e escolhidos pelos entrevistados, nenhum procedimento ofereceu risco aos indivíduos envolvidos na pesquisa.

Estruturalmente, a dissertação está organizada em três capítulos. O primeiro é uma discussão sobre a Cultura, costurando ideias e concepções para uma proposta de conceito de cultura, sendo construído desde o século XVIII, inicialmente de uma forma uniformizada e eurocêntrica, passando pela era evolucionista, pelos estudos etnográficos até as discussões atuais. Neste capítulo, também resgatamos como as discussões acerca de questões culturais foram acentuadas após a Segunda Guerra Mundial, evidenciando o quão essencial é a vivência cultural para a dignidade humana. Isto alcançou uma aceitação tão global que a Organização das Nações Unidas (ONU) a estabeleceu como um direito humano fundamental.

O segundo capítulo trata sobre memórias do cotidiano como memórias culturais no contexto amazônico, cuja lembrança do passado é uma dimensão estruturante da identidade e da cultura, sobretudo, dessa região tão particular e plural. Essa pluralidade cultural envolve crenças, costumes, vivências e saberes como forma de âncora para a sustentação da identidade do amazônida.

No terceiro capítulo ocorre uma diagnose da cultura arquitetônica de Santarém, a partir das narrativas memoriais coletivas de seus moradores mais antigos, passando pelo processo metodológico de História Oral, que tem como instrumento de pesquisa a entrevista presencial gravada (guiada por um roteiro de entrevista para registro oral), em local previamente acertado com os participantes. O capítulo é uma composição dos relatos dos idosos que presenciaram a história, a construção, as mudanças e o desenvolvimento da cidade de Santarém, principalmente, o bairro Centro, considerando os patrimônios históricos.

Ao final, em nossas considerações, apresentamos uma proposta de resposta à nossa questão científica e uma evidenciação da importância de se registrar e manter no escopo das discussões atuais as narrativas memoriais sobre a cultura arquitetônica da cidade de Santarém, no Oeste paraense.

CAPÍTULO I

HISTÓRIA DO CONCEITO DE CULTURA: DISCUSSÕES E CONFIGURAÇÕES

Após a Segunda Guerra Mundial, as discussões acerca de questões culturais como o genocídio de grupos étnicos, a aniquilação de patrimônios culturais e arquitetônicos, os movimentos migratórios forçados e o conflito entre culturas, e outras mais, foram acentuadas e se tornaram ainda mais evidentes dado que a partir dos anos 1940 a Organização das Nações Unidas oficializa o reconhecimento da importância da cultura para o fortalecimento da dignidade humana.

Está também registrado em artigos, livros e diversos outros documentos que é a partir do pós Segunda Guerra que os Patrimônios Históricos passaram a ser mais discutidos, especialmente, porque durante essa grande Guerra Mundial foram destruídos diversos patrimônios, alguns deles com idade milenar. Também deve-se registrar que cidades históricas inteiras como Dresden na Alemanha foram destruídas. Ela, era conhecida como destino turístico e marco cultural mundial. No dia 13 de fevereiro de 1945 foi bombardeada pela força aérea britânica. O bombardeio matou cerca de 25 mil pessoas. Outra situação devastadora, provocada pela Segunda Guerra mundial foi a destruição por bombas atômicas de duas cidades japonesas, Hiroshima que foi bombardeada em 06 de agosto de 1945, e Nagasaki que foi bombardeada em 09 de agosto de 1945.

Após o encerramento da Segunda Guerra Mundial, no ano de 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, incorporou os direitos culturais em seu texto, prevendo o seguinte:

Artigo 22 – Toda a pessoa, como membro da sociedade, tem direito à segurança social; e pode legitimamente exigir a satisfação dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis, graças ao esforço nacional e à cooperação internacional, de harmonia com a organização e os recursos de cada país. /.../.

Artigo 27 – 1. Toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam. 2. Todos têm direito à proteção dos interesses morais e materiais ligados a qualquer produção científica, literária ou artística da sua autoria (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, 1948).

A partir de então os direitos culturais foram incorporados aos demais tratados internacionais de direitos humanos posteriores, como o Pacto Internacional sobre

Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (PIDESC) de 1966, que versava que esses direitos, de acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, decorrem da dignidade inerente à pessoa humana, reconhece o ideal do ser humano livre, liberto do temor e da miséria, não pode ser realizado a menos que se criem as condições que permitam a cada um gozar de seus direitos econômicos, sociais e culturais, assim como de seus direitos civis e políticos (PIDESC, 1966). Mais precisamente no Artigo 15, se reconhece que os Estados participantes do pacto têm papel decisivo na manutenção desses direitos, como se pode ler a seguir:

Artigo 15

1. Os Estados-partes no presente Pacto reconhecem a cada indivíduo o direito de:
 - a. Participar da vida cultural;
 - b. Desfrutar o progresso científico e suas aplicações;
 - c. Beneficiar-se da proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de toda a produção científica, literária ou artística de que seja autor.
2. As medidas que os Estados-partes no presente Pacto deverão adotar com a finalidade de assegurar o pleno exercício desse direito incluirão aquelas necessárias à conservação, ao desenvolvimento e à difusão da ciência e da cultura (PIDESC, 1966, p. 7).

A Convenção Americana sobre Direitos Humanos realizada em São José da Costa Rica, na Costa Rica, no ano de 1969 também reitera a Declaração Universal dos Direitos do Homem pelo ideal do ser humano livre. No Artigo 26, adota-se a ideia de que para o total progresso os *Estados Partes* devem se comprometer de forma ativa para a efetivação de todos os direitos inerentes ao ser humano.

Artigo 26. Desenvolvimento progressivo: Os Estados Partes comprometem-se a adotar providências, tanto no âmbito interno como mediante cooperação internacional, especialmente econômica e técnica, a fim de conseguir progressivamente a plena efetividade dos direitos que decorrem das normas econômicas, sociais e sobre educação, ciência e cultura, constantes da Carta da Organização dos Estados Americanos, reformada pelo Protocolo de Buenos Aires, na medida dos recursos disponíveis, por via legislativa ou por outros meios apropriados (PACTO DE SÃO JOSÉ DA COSTA RICA, 1969).

Essa valorização da cultura também é explicitada na Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança, realizada em 20 de novembro de 1989, realizada em Nova York, nos Estados Unidos. Entrou em vigor em 2 de setembro de 1990, sendo ratificada por 196 países, entre eles o Brasil que ratificou em 24 de setembro do mesmo ano. Entre outras garantias de direitos às crianças, como: à vida, à educação, à saúde e à moradia também assegura a proteção às tradições e aos valores culturais

de cada povo para a proteção e o desenvolvimento harmonioso da criança. A convenção em seu Artigo 9 assegura o direito à identidade que está diretamente ligada à cultura da criança, de suas raízes e de seus comportamentos:

1. Os Estados Partes comprometem-se a respeitar o direito da criança de preservar sua identidade, inclusive a nacionalidade, o nome e as relações familiares, de acordo com a lei, sem interferências ilícitas.
2. Quando uma criança for privada ilegalmente de algum ou de todos os elementos que configuram sua identidade, os Estados Partes deverão prestar a assistência e a proteção adequadas, visando restabelecer rapidamente sua identidade (CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DA CRIANÇA, 1989).

Portanto, a Cultura faz parte do rol de direitos do ser humano, o que gera consequências sérias às sociedades humanas, como não sofrer qualquer tipo de distinção de raça, sexo, língua, cor, religião ou de outro tipo, origem social ou nacional ou condição de nascimento ou riqueza. Paulino (2018) confirma sobre que tipo de importância cultura ao ser humano essas declarações e convenções versam,

Em geral, direitos culturais versam sobre liberdade do indivíduo em participar da vida cultural de seu grupo social e de diversos outros, seguir ou adotar modos de vida de sua escolha, exercer as próprias práticas de comportamento, atitude e valor, beneficiar-se de avanços científicos, técnicos e tecnológicos, e ter proteção moral e patrimonial ligada às produções artísticas ou científicas de sua própria autoria, tudo isso em um contexto coletivo (PAULINO, 2018, p. 150).

É plausível também apresentar que essas discussões não são recentes e tampouco escassas. Durante os séculos XVIII e XIX, as discussões sobre a humanidade e sua evolução eram acentuadas entre vários pensadores com suas respectivas vertentes sobre o assunto. Neste caso, o que acompanha as discussões sobre cultura é que Cultura é uma parte inseparável do ser humano. O ser humano é cercado por costumes e interesses desde o momento do nascimento e vai aprendendo no decorrer da vida regras e costumes da comunidade ou do grupo social, ao qual ele está inserido. Esse elo entre seres humanos é fortalecido com o passar dos tempos, já que a cultura é produzida por meio da interação dos indivíduos, seus modos de viver, de pensar e agir, e por meio da construção de valores e pactos sociais que os identificam e os aproximam.

Com a publicação da obra “*A origem das espécies*” de Charles Darwin (1809-1882) em 1859 e a propagação da teoria evolucionista, a ciência sofreu influências, e o *evolucionismo darwiniano* acabou por inspirar cientistas das mais diversas áreas do

conhecimento à época. De posse das postulações de Darwin, os pensadores da cultura ainda no século XIX davam ao processo cultural dos povos uma espécie de hierarquização humana, ou seja, em cada povo haveria uma espécie de evolução humana que começaria de um estado selvagem, portanto com sérias limitações racionais, sem cultura, evoluindo até chegar a um nível de progresso tão alto que se poderia chamar de civilidade ou civilizados (PAULINO, 2018).

Essa hierarquização cultural foi primeiro conceituada por Edward Burnett Tylor (1832-1917), no ano de 1871, em seu livro *“Primitive Culture: Researches into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Art, and Custom”*. Neste texto, Tylor faz um ajuntamento conceitual de dois termos [*kultur* e *civilisation*] em um termo, que ele denominou *Culture* na intenção de unificar o conceito. Disso, resulta que, conforme sua teoria, o conceito de cultura seja a síntese do substantivo alemão *Kultur* – relacionado a aspectos espirituais - com o francês *Civilisation* – que envolve realizações materiais –, e dizia respeito a um todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade, eram os produtos comportamentais, espirituais e materiais da vida social humana. Conceitua Tylor:

Cultura ou civilização, tomada em seu amplo sentido etnográfico, é esse todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, direito, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade. A condição de cultura entre as várias sociedades da humanidade, na medida em que é capaz de ser investigada em princípios gerais, é uma matéria apta para o estudo das leis do pensamento e da ação humana. Por outro lado, a uniformidade que impregna tão amplamente a civilização pode ser atribuída, em grande medida, à ação uniforme de causas uniformes; enquanto, por outro lado, suas várias gradações podem ser consideradas como estágios de desenvolvimento ou evolução, cada um dos resultados da história anterior, prestes a fazer sua parte adequada na formação da história do futuro (TYLOR, 1871, p. 01).

Sob a influência das teorias evolucionistas. efervescentes na sua época, Tylor defendia a Europa como centro do processo civilizatório global. Neste sentido, seus escritos eram fundamentados a partir de suas raízes europeias, tecendo assim comparações entre modelos comportamentais e de costume de outros povos sempre em relação com o modelo comportamental europeu, acentuando a cultura europeia como civilizada e as demais como aquelas que não passavam de selvagens ou bárbaras. Essas culturas deveriam passar por estágios de civilização para alcançar o estágio civilizatório Europeu. Assim, sem adentrar méritos científicos e conceituais da

biologia, podemos sugerir que ele tenha percorrido o mesmo caminho que Charles Darwin (1809-1882), no que se refere à teoria evolucionista. Neste sentido, ao citar Tylor, Paulino comenta que:

As sociedades se desenvolvem de uma mesma maneira, o que resulta na ideia de um progresso universal de civilização, que ocorre desde o estágio de selvageria, passando pela barbárie, até a humanidade atingir o estágio civilizatório. Tal definição não foi unanimidade no então ciclo acadêmico europeu, e seu problema estava justamente no fato de sintetizar cultura a partir de dois conceitos, que são realizações materiais (*Civilisation*) e manifestações espirituais (*Kultur*) de um povo (PAULINO, 2018, p. 152).

O século XIX colhia os frutos do Iluminismo, um movimento filosófico e intelectual que predominou no mundo das ideias na Europa durante o século XVIII, "O Século da Filosofia". Esse movimento europeu tinha ideais centradas na razão como a principal fonte de legitimidade e autoridade e defendia valores como liberdade, progresso, tolerância, fraternidade, governo constitucional e separação Igreja-Estado. Segundo Zygmunt Bauman (1925-2007) "a orientação às sociedades europeias dizia respeito a um esforço civilizador e de educação sistemática em promover o aperfeiçoamento moral e a elevação do gosto, numa perspectiva universalista" (BAUMAN, 1998).

Nessa época, os debates sobre a evolução da humanidade borbulhavam e os pensadores de diversas áreas do conhecimento humano investigavam modelos que pudessem levar de alguma maneira a sociedade ao mais alto processo civilizatório. Um dos exemplos que podemos resgatar em nosso debate é Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), com a teoria da bondade natural do ser humano, cujo fundamento está em que o homem nasce naturalmente bom e a sociedade e instituições sociais, com normas e regras o corrompe, através das incoerências existentes na relação do ser humano com o grupo social, portanto se tornaria uma criatura incorrigível.

Por essa razão, Rousseau idealiza o homem em estado selvagem, pois primitivamente ele é generoso, como relatou no trecho "A maioria dos povos, como dos homens, só é dócil em sua juventude; todos se tornam incorrigíveis ao envelhecerem" (ROUSSEAU, 2006, p. 53). Em contrapartida, Thomas Hobbes (1588-1679), antes do período evolucionista e das teorias de Rousseau, salienta, em seu clássico livro *De Cive* (1651) que "O homem é o lobo do homem", [*Homo homini lupus*] tendo o homem um comportamento animal de explorar, aproveitar-se dos mais fracos,

considerando que suas próprias necessidades sejam superiores às dos outros iguais a ele, o homem seria seu próprio inimigo natural, e para controlar esse ímpeto animalesco do ser humano Hobbes sugere um contrato social entre governantes e governados, nesse termo surgem as constituições que são na verdade contratos sociais, para regulamentar as relações de poder. Hobbes evidencia que:

Para falar com imparcialidade, há duas máximas que são ambas certamente verdadeiras: um homem é para um homem um tipo de deus; e esse homem é para um homem um lobo. A primeira é correta, se tomarmos as relações dos cidadãos entre si; a segunda, das relações entre Estados. Na primeira, há alguma analogia de semelhança com a deidade, a saber, a justiça e a caridade – irmãs gêmeas da paz; mas na outra, a perversidade dos homens maus deve ser repelida pelos homens bons, para sua própria proteção, recorrendo às virtudes da guerra – as quais são a violência e a fraude –, ou seja, à natureza predatória das bestas (HOBBS, 1651 [2022]. p. 1).

A máxima “um homem é para um homem um tipo de deus; e esse homem é para um homem um lobo” [*homo homini genus deus; et homo est homini lúpus*], expressa por Hobbes, foi originalmente dita pelo dramaturgo romano Tito Mácio Plauto [*Lat.:* Titus Maccius Plautus; 254-184 a.C.), que inseriu essa oração em uma das suas comédias intitulada *Asinaria*. A frase completa seria "*Lupus est homō hominī, nōn homō, quom quālis sit nōn nōvit*", cuja tradução para o português pode ser: "Um homem para outro é como um lobo e não um homem, quando ele não sabe de que tipo ele é." A peça *Asinaria* é também chamada de *A comédia dos burros* ou *Comédia do Asno*¹.

De acordo com a teoria evolucionista de Charles Darwin (1809-1882), a seleção natural é um processo em que as espécies que melhor se adaptam às mudanças da natureza, inclusive adaptação com a própria mudança genética, são selecionadas através da sobrevivência, elas assim se reproduzem e passam suas características aos seus descendentes e perpetuam sua espécie. O pensamento evolucionista de

¹ A peça *Asinaria* conta a história de Demêneto, um senhor avarento que desejava de toda forma ludibriar a sua própria mulher, que era rica, para conseguir dinheiro para ajudar o filho, Argiripo, a comprar uma prostituta, fenícia, por quem está apaixonado. Para isso, recorre a seu escravo, Líbano, que, junto com Leônidas, trama o engano para ficar com o dinheiro da venda de alguns burros que deveriam ser entregues a Saurea, o mordomo. Argiripo recebe a jovem mediante pagamento, mas seu pai exige que ele o deixe passar a primeira noite com ela. Ao mesmo tempo, um rival que queria comprar Fenícia, desapontado por ter perdido a chance, conta a Artemona, esposa de Demêneto, o que aconteceu. Ela finalmente o encontra e, depois de humilhá-lo, o obriga a deixar aquele lugar. Cf.: PLAUTO . *Asinaria - La Comedia de los Asnos*. (≅ 200 dC). Traducción y notas de Mercedes González-Haba. Biblioteca Clásica Gredos, 170. Madrid-ESP, Editorial Gredos, 2018. Disponível em: <https://losapuntesdefilosofia.files.wordpress.com/2018/05/plauto-tito-macio-asinaria-bilingue.pdf>

Darwin marcou toda uma época de estudos, especificamente, na área da antropologia, pesquisadores como Lewis Henry Morgan (1818-1881), Edward Burnett Tylor (1832-1917) e James George Frazer (1854-1941), escreveram sobre uma relação íntima entre cultura e civilização, cuja ideia é defender que os povos passam por estágios civilizatórios e modelador cultural. Para isso, há a necessidade de dominação imperialista sobre os povos “selvagens” pelas nações europeias com finalidade aparente do “desenvolvimento cultural”.

Para Frazer, o “selvagem representa um estágio estacionado, ou melhor, retardado do desenvolvimento social, e, portanto, um exame de seus costumes e crenças fornece o mesmo tipo de evidência da evolução da mente humana que o exame de um embrião fornece da evolução do corpo humano” (FRAZER, 2005, p. 48). Ainda sobre o termo “selvagem”, o autor faz a comparação de que um selvagem está para um homem civilizado assim como uma criança está para um adulto, além de defender que o crescimento gradual de inteligência de uma criança seria correspondente ao crescimento gradual da inteligência da espécie, sendo possível assim, para Frazer, compreender que o estudo da sociedade selvagem em estágios seria a chave para compreender o caminho percorrido pelos ancestrais das raças mais elevadas, da barbárie até a civilização. “Em suma, a selvageria é a condição primitiva da humanidade” (2005, p. 48).

Frazer continua defendendo um tipo de evolução que gradaliza as culturas dos povos e expõe que a cultura à qual ele pertence seria a referência de evolução em comparação de culturas que, na visão deste pensador, não alcançaram o estágio civilizacional. Segundo o autor, os considerados “selvagens” no período de seus estudos não seriam equivalentes aos “selvagens verdadeiramente primevos”, pois eles já haviam passado por etapas evolutivas ao caminho da evolução, Frazer afirma:

Os selvagens de hoje são primitivos apenas num sentido relativo, não absoluto. Eles são primitivos em comparação conosco, mas não em comparação com o homem verdadeiramente primevo, isto é, com o homem tal como era quando primeiro emergiu do estado de existência puramente bestial. Na verdade, comparado com o homem em seu estado absolutamente prístino, mesmo o mais selvagem dos selvagens de hoje é, sem dúvida, um ser altamente desenvolvido e culto, já que todas as evidências e todas as probabilidades estão a favor da ideia de que toda raça existente de homens, da mais rude à mais civilizada, alcançou seu presente nível de cultura, seja ele alto ou baixo, apenas após um lento e doloroso progresso ascendente, que deve ter se estendido por muitos milhares, talvez milhões, de anos (FRAZER, 2005, p. 49).

A defesa da teoria evolucionista das sociedades humanas, propondo a cultura europeia como o ápice do degrau evolutivo, tem em Tylor uma defesa bastante rigorosa. Segundo ele, a cultura humana ou civilização se apresenta em vários estágios e não é entendida de forma plural e relativista, mas sob uma perspectiva universalizante (TYLOR, 1871), o que posteriormente seria criticado pelas novas gerações de antropólogos pós Tylor. Tylor foi fortemente criticado porque seu método de estudo das culturas fora desenvolvido por meio da lógica da comparação, partindo da máxima de que somente seria capaz de atingir o nível máximo de civilização aqueles povos não europeus que percorressem o mesmo caminho centrado nas culturas europeias.

É importante recordarmos que desde o Renascimento, no século XV dC e seguintes, as ciências buscavam métodos para explicar a evolução da humanidade, e a partir dos ideais iluministas, no século XVIII dC, o conhecimento científico passou a ser ainda mais valorizado, promovendo e provocando a aproximação conceitual de cultura e progresso.

Segundo Paulino (2017), nessa época havia uma efervescência de debates sobre a evolução da humanidade “pensadores de diversos ramos e vertentes buscavam apresentar algum modelo que pudesse levar as sociedades humanas a atingir o estágio máximo do processo civilizatório”. Como por exemplo: Karl Marx (1818-1883) e a crítica sobre a exploração da mão de obra humana na produção capitalista – referência à luta de classes entre a burguesia, controladora dos meios de produção e exploradora dos trabalhadores em vista da maximização de lucros, e o proletariado que vende a sua força de trabalho e, com sua tomada de consciência passa a lutar por condições minimamente dignas de trabalho - e o papel do Mercado e do trabalho na consolidação da sociedade moderna; Friedrich Nietzsche (1844-1900) e a transmutação dos valores para recuperar a unidade ética perdida pela humanidade ao longo da história.

Sigmund Freud (1856-1939) e o estudo do equilíbrio das pulsões e dos instintos humanos, como condição que permite a sociedade avançar no processo civilizatório; Jean-Paul Sartre (1905-1980) e o debate sobre se somos escravos ou somos livres e cuja tese é a de que a opressão das pessoas é resultado dessa relação entre escravo e senhor e que todos devemos nos desalienar para buscar a libertação da opressão e a liberdade completa (PAULINO, 2017, p. 06).

Apesar de que essas conceituações tiveram como finalidade alcançar certo modelo universal de “civilidade” sociedades humanas, não foram as únicas aceitas no meio acadêmico europeu do século XIX, pois delimitava a cultura a dois conceitos que são realizações materiais (*Civilisation*) e manifestações espirituais (*Kultur*) de um povo. Zygmunt Bauman nos ajuda a compreender esse período da modernidade e sua percepção de cultura ao definir que a época bem se encaixaria na seguinte tese:

Se deixarmos as coisas à sua sorte e nos abstermos de interferir no que as pessoas fazem quando se deixa que ajam como entenderem, ocorrerão coisas demasiadamente horripilantes de se contemplar; mas, se abordarmos as coisas com a razão e submetemos as pessoas ao tipo correto de processo, temos todas as possibilidades de construir um mundo excelente, nunca antes conhecido por seres humanos (BAUMAN, 1998, p. 161).

Para ampliar a discussão, seria necessário expor também o conceito de Cultura do século XIX defendido por Sigmund Freud sobre o mal-estar da civilização:

Como se sabe, a cultura humana – me refiro a tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de suas condições animais e se distingue da vida dos bichos; e eu me recuso a separar cultura (*Kultur*) e civilização (*Civilisation*) – mostra dois lados ao observador. Ela abrange, por um lado, todo o saber e toda a capacidade adquiridos pelo homem com o fim de dominar as forças da natureza e obter seus bens para satisfação das necessidades humanas e, por outro, todas as instituições necessárias para regular as relações dos homens entre si, em especial, a divisão dos bens acessíveis (FREUD, 1974, p. 140).

Essa percepção estrita de cultura se dava pela tentativa de adequação das demais culturas à cultura europeia - que era considerada a mais civilizada em relação às outras culturas - e essas tinham que passar por períodos de adequações ao modelo europeu, deveriam ser padronizadas em vários aspectos da vida cotidiana como modo de vestimenta, hábitos alimentares e técnicas e tecnologias de trabalho, tudo isso com o intuito de uniformizar a humanidade em um estágio final de civilização, aos moldes da cultura europeia, defendido por Tylor no século XVIII. Daí, é possível compreender o porquê das culturas do dito “Novo Mundo”, inclusive o Brasil, terem sido consideradas um mundo à parte das culturas da Europa, pois não para ser considerada cultura deveria se enquadrar na lógica dos conceitos de *Civilisation* [realizações materiais] e *Kultur* [aspectos espirituais] de um povo (PAULINO, 2017).

Em oposição a esse conceito, Franz Boas (1858-1942), autor de uma importante vertente que procura valorizar o conceito de multiculturalidade, sob o prisma das

particularidades, diferenças, construções sociais que com o tempo são modificadas e que têm mais valor do que os fatores físicos antes levados em consideração, não aceitava a ideia de comparação de culturas não europeias com a Europeia, já que não concordava com a ideia de uma determinada cultura ser vista como referência de cultura civilizada.

Boas durante sua expedição ártica na Terra de Baffin (1883), escreveu em seu diário de cartas - posteriormente transformado no livro “O valor de uma pessoa está em sua Herzensbildung - Diário de Franz Boas” por Douglas Cole em 1983 - o seguinte:

Muitas vezes me pergunto que vantagens nossa 'boa sociedade' tem sobre a dos 'selvagens'. Quanto mais observo seus costumes, mais percebo que não temos o direito de menosprezá-los. Onde em nossas aldeias encontraríamos tanta hospitalidade sincera? Não temos o direito de culpá-los por essas maneiras e superstições que podem nos parecer ridículas. Nós 'pessoas tão cultivadas' somos piores relativamente falando. O medo das tradições e dos velhos costumes está profundamente enraizado na espécie humana e, assim como regula a vida aqui, interrompe o progresso em nosso caso. Acredito que para todos os indivíduos e pessoas é difícil renunciar às tradições e seguir o caminho da verdade. Os esquimós estão sentados ao meu redor, as bocas cheias de fígado de foca cru (a gota de sangue no verso do papel mostra que eu também participei). Como ser pensante, o resultado mais importante desta viagem para mim está no fortalecimento do meu ponto de vista de que o conceito de um indivíduo 'cultivado' é meramente relativo, e que o valor de uma pessoa deve ser julgado pelo seu Herzensbildung. Esta qualidade está presente ou ausente aqui entre os esquimós, tanto quanto entre nós (COLE, 1983, p. 29).

Devido sua experiência direta com os esquimós, Boas constatou que a visão ocidental pormenorizava as tradições e costumes de outros povos – principalmente nesse período em que as civilizações estavam sendo “descobertas” e ao mesmo tempo destruídas nos primórdios do século XX.

Boas, sendo um geógrafo, caminhou para a antropologia através de expedições e estudos, então criou o Relativismo histórico que se propunha a observar as particularidades das culturas, e explicaria o porquê que seu sistema social funcionaria de determinada maneira. Assim, cada sociedade teria uma história e suas particularidades, acreditava na autonomia da cultura e singularidade delas e na maior influência dos saberes coletivos nas populações em detrimento a fatores físicos:

Nos poucos casos em que se tem investigado a influência da cultura sobre as reações mentais de populações, pode-se observar que a cultura é um determinante muito mais importante do que a constituição física (...). Nessas circunstâncias, precisamos basear a investigação da vida mental do homem

sobre um estudo da história das formas culturais e das inter-relações entre vida mental individual e cultura (BOAS, 2010, p. 97).

Boas viu a cultura como um traço distintivo da humanidade. Suas pesquisas resistiam aos exercícios classificatórios da época que procuravam estabelecer certa hierarquia entre as culturas. Desta maneira, segundo Barros (2019), se Boas reconhece que há diversidade cultural, então também há culturas diferentes, ele também concebe a ideia de que cada indivíduo vê o mundo a partir da cultura onde cresceu, seja na lida entre pessoas, seja na lida com o meio ambiente, ou seja, nas condições sociais e econômicas, o que justificaria as diferenças entre populações.

O aluno de Franz Boas, Alfred Kroeber (1876-1960), seguiu a mesma lógica, esboçando que a cultura é o que o homem acrescenta à Natureza, quando exercita sua essência criadora. Ele defende que esse processo não é recente e perpassa por experiências históricas de gerações antecessoras, e o orgânico seria o que apenas está, sem intromissão do homem. Portanto, a sociedade e a cultura moldam o indivíduo, sua consciência e sua personalidade. Chamava sua visão de cultura de "superorgânica". Mintz (2010, p. 227), ao resgatar o pensamento de Kroeber, afirma que "simplesmente, quando falamos em cultura, estamos trabalhando com algo que é orgânico [ou seja, produzido por organismo humano] mas que pode ser visto como algo mais que orgânico se for para ser plenamente inteligível para nós".

O comportamento humano não pode ser entendido se resumido à análise de indivíduos isoladamente, pois seus pensamentos, atos e atitudes, embora sejam feitos pela pessoa, são frutos da sua experiência em sociedade, junto a outros indivíduos. De tal modo, o comportamento social não pode ser reduzido a uma análise do comportamento individual nem mesmo no sentido inverso. Mintz então argumenta:

Existem certas propriedades da cultura – tais como transmissibilidade, alta variabilidade, padrões de valor, influência em indivíduos – que são difíceis de explicar, ou cuja significância é mais difícil de encontrar, estritamente em termos de composição orgânica ou personalidades de indivíduos. Essas propriedades ou qualidades da cultura evidentemente se fixam não no indivíduo orgânico homem enquanto tal, mas nas ações e nos produtos de comportamento de sociedades de homens – ou seja, na cultura (MINTZ, 2010, p. 228).

O ser humano é considerado ser social por natureza, é biologicamente dependente desde o seu nascimento até a primeira infância, e atingirá a autonomia social somente por volta dos dezoito anos de idade. Até esse momento, passa por um

grande processo de aprendizagem social necessário ao seu amadurecimento naquele meio social. Ele é “cultivado” em sua própria sociedade absorvendo um grande volume de saberes culturais.

A cultura é uma ferramenta que permite ao ser humano criar laços e desenvolver suas habilidades sociais, trabalhistas, educacionais, características que não dependem unicamente do meio ambiente ou meio físico, mas que influenciam fortemente seu comportamento enquanto ser humano.

Malinowski (2009), por sua vez, considera que os seres humanos seguem regras, normas, costumes e tradições que são produtos da interação entre processos orgânicos e processos de interação com o seu ambiente. Segundo este, é o funcionalismo de Bronislaw Malinowski (1884-1942), toda sociedade tem problemas básicos de sobrevivência como alimentação, economia, organização social, etc. e com seus estudos de campo chegou à conclusão de que cada cultura encontrava um meio de solução eficiente e adequado ao seu estilo de vida para os mesmos problemas. Cada ação realizada em sua própria cultura tem uma função, daí o funcionalismo de Malinowski. No ano de 1976, esse autor durante um período de convivência com nativos, discutiu a necessidade de observar a rotina aparentemente banal que servia de estrutura promotora de aprendizado, conforme retrata Souza (2006) embasado nas palavras de Malinowski:

No meu passeio matinal pela aldeia, podia observar detalhes íntimos da vida familiar – os nativos fazendo sua toailete, cozinhando, comendo; podia observar os preparativos para os trabalhos do dia, as pessoas saindo para realizar suas tarefas. [...] O etnógrafo de campo deve analisar com seriedade e moderação todos os fenômenos que caracterizam cada aspecto da cultura tribal sem privilegiar aqueles que lhe causam mais admiração ou estranheza em detrimento dos fatos comuns e rotineiros (SOUZA, 2006, p. 25-28).

Sobre essa discussão de cultura, Claude Lévi-Strauss (1908-2009) também participou do debate. Segundo ele, cada sociedade tem uma estrutura simbólica e os símbolos em cada uma são muito importantes. Ele analisou três símbolos principais: o sistema de parentesco, o sistema de linguagem e o sistema de economia.

A considerar esses sistemas de Lévi-Strauss, podemos afirmar que na sociedade brasileira temos o sistema patriarcal. Em outras sociedades, porém, é possível encontrarmos o sistema matrilinear (sistema de parentesco, de filiação, através do qual somente a ascendência da mãe é levada em consideração para a transmissão do nome, dos benefícios ou do status de se fazer parte de um clã ou

classe. Outro ponto importante da teoria de Lévi-Strauss, é que ele defende que é necessário que as culturas se inter cruzem de forma que haja progresso diante desse contato, porque é através do modo de agir e conduzir o seu dia a dia que o ser humano produz a sua própria história e cultura e ao entrar em contato com outras culturas, realizando trocas com outros modos de agir o desenvolvimento seria favorecido. Assim, "todo progresso cultural é função de uma coligação entre as culturas" (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 22).

Com o conceito de cultura em construção, na segunda metade do século XX, Clifford Geertz (1926-2006) enfatiza que o termo cultura é relacionado a fenômeno humano e não a fenômeno natural, descreve em:

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície. Todavia, essa afirmativa, uma doutrina numa cláusula, requer por si mesma uma explicação (GEERTZ, 1989, p. 15).

O ser humano assume um local de protagonismo. O fenômeno cultural seria a antropologia interpretativa, ou seja, para compreender como funciona uma cultura e como os indivíduos se relacionam não é possível ficar preso em funções como no funcionalismo de Malinowsky, por exemplo. A ideia é que para compreender a cultura e os indivíduos é preciso fazer um deslocamento, sair dos aspectos estruturais e ir para a ação dos indivíduos, como sair de um campo de compreensão macro, onde a cultura é algo amplo e de certa forma obrigatório para os indivíduos, e passar a olhar para o próprio indivíduo, como ele dá significado para a sua existência no mundo e quais significados ele traz para determinadas interações sociais no seu cotidiano.

Geertz então afirma que para compreender uma cultura é necessário entender a presença da autonomia dos atores sociais como fator determinante e preponderante na cultura, pois "o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumindo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, como uma ciência interpretativa, à procura de significados" (GEERTZ, 1989, p. 04).

Com o passar dos anos e o intenso processo de discussão, houve mudanças e adequações do conceito de Cultura. Assim, o pensamento desses autores – contrários à de Tylor, mas sem desconsiderar sua importância para o conceito – contribuiu decisivamente para novas configurações do conceito de cultura, superando de certo modo a questão do evolucionismo cultural e a centralização na Europa do modelo de ápice da evolução cultural.

CAPÍTULO II

MEMÓRIAS DO COTIDIANO COMO MEMÓRIAS CULTURAIS NO CONTEXTO AMAZÔNICO

Encontrar um conceito único que abranja os mais diversos conceitos e teorias sobre Cultura é algo complexo de se fazer, já que há grandes, diferentes, diversas e divergentes variáveis no conceito. Discutir cultura na Amazônia, com seus modelos culturais únicos e diversos aos modelos europeus ou de outra sociedade é fundamental. Neste sentido, é preciso afirmar que não são as manifestações e os valores dos diversos grupos culturais da Amazônia que devem se adaptar às lógicas conceituais produzidas em algum lugar externo à região, mas que os conceitos sejam redefinidos de acordo com a própria lógica da região.

Cada povo com seu hábito e crenças só pode ser compreendido nos termos da sua própria cultura. Assumimos esta linha de pensamento e ao adotá-la temos ciência de que essa percepção conceitual de Cultura toma nova forma e significado, as culturas não precisam mais se adequar aos moldes do “velho continente” muito menos se uniformizar e se encaixar em um modelo único de perfeição civilizatória. Aliás, a própria ideia de perfeição civilizatória, de modelo de civilidade é algo bastante questionável. A mudança na forma de lidar teórica e praticamente com a cultura resulta de severas críticas à ideia de desenvolvimento espontâneo, cuja tese referenciava-se às “sociedades subdesenvolvidas”, que:

Partindo das condições de atraso e por adições de traços modernizadores (...) das formas de produção, de organização do trabalho, de regulação da vida social e de concepção do mundo, atingiriam a situação das sociedades capitalistas industriais, as quais, dentro deste raciocínio, seriam modelos ideais de ordenação social (RIBEIRO, 1983 *apud* PAULINO, 2018, p. 07).

As discussões acerca da conceituação de Cultura tornam nossa percepção ampla e irrestrita. Os conceitos anteriores que visavam regras e estágios dão lugar à liberdade de escolha dos atores sociais, já que é fundamental superar certos tipos de concepção de cultura que obedecem à lógica da uniformização dos modos de vida e dos valores (JULLIEN, 2009).

A nova concepção de Cultura do século XX rompe barreiras estabelecidas anteriormente, nas quais a padronização e a uniformização eram obrigatórias para se atingir o ápice cultural. Assim, com a lógica de que o indivíduo tem a liberdade de

escolha, e as culturas seguem seus cursos de acordo com as condições de costumes e de existência no particular de cada coletivo, podendo elas entrar em contato umas com outras ou não. Jullien defende uma concepção de cultura que considera a necessidade do diálogo entre culturas, de forma voluntária, mesmo sabendo da existência de diálogos involuntários e muitas vezes não pacíficos, como exemplifica abaixo:

Sem dúvida, nos mais diversos cantos do mundo, sob as trocas e tráficos de todo tipo, de homens e de bens, e até mesmo sob as guerras e deportações, culturas continuam, em algum lugar – irredutivelmente – a dialogar entre si. De viés, até o limite da extinção, de maneira obstinada: através de empréstimos, contaminações, influências; mas também através de polêmicas, resistências, distorções, dissidências, ou simplesmente vestígios e testemunhos sepultados sob as ruínas e que a História redescobre (JULLIEN, 2009, p. 11).

Alfredo Bosi (1936-2021) aborda em sua obra *Dialética da colonização* a cultura a partir da linguística e da etimologia da palavra. As palavras *cultura*, *culto* e *colonização* derivam do mesmo verbo latino *colo*. *Colo* significou, na língua de Roma: *eu ocupo a terra* e, por extensão, *eu trabalho, eu cultivo o campo* (BOSI, 1992, p.10). Cultura é derivada desse verbo, o que será cultivado nesta terra, não somente no sentido físico da agricultura, mas o que seria enraizado e transmitido como aprendizado e valores para as próximas gerações. “Cultura é o conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social” (BOSI, 1992, p.16).

Para que haja essa transmissão é necessário o senso de pertencimento e identidade da comunidade como um todo, assim naturalmente surgiria a necessidade de se ensinar as próprias tradições às gerações futuras. Por isso, a cultura e identidade estão conectadas, é um modo de reconhecimento de iguais e de diferentes.

Sendo assim, discutir a cultura de forma mais abrangente, plural e rica, sem amarras em crenças que tentam se perpetuar ou comparações ultrapassadas se faz necessário. Discutir cultura é discutir diversidade. Diversidade de crenças, costumes e fé, diversidade de valores e manifestações artísticas. Segundo Paulino (2018):

A compreensão de uma determinada cultura implica antes de tudo na apreensão de suas manifestações e em seu registro a fim de patrimonializá-la e preservá-la, protegendo-a do severo jogo de conflitos culturais em que algumas se sobressaem sobre outras, tornando estas submissas e obrigadas a adaptar às regras de dominação daquelas (PAULINO, 2018).

A Cultura exerce uma função formadora de identidade em um povo. No povo amazônica ela é ainda mais sincrética, formada por uma grande miscigenação de costumes e saberes das populações originárias, dos colonizadores europeus e dos africanos e afrodescendentes que habitam a região Amazônica.

Apesar de não haver consenso sobre o conceito de cultura é possível encontrar concordâncias entre eles. Uma delas é que comportamentos culturais não são determinados geneticamente e sim socialmente. Por exemplo, divisões de tarefas, tanto afazeres domésticos como trabalhos profissionais embasadas em gênero ou na raça, são costumes forjados no cotidiano coletivo e que se transformam em atitudes culturais, ainda que essas atitudes possam ser objeto de crítica moral e de poder. Então, a consciência coletiva é marca de cada povo e ela dá identidade ao grupo social.

Se o conhecimento ajuda no processo de perceber semelhanças e diferenças de um grupo, ele também ajuda no processo de pertencimento, desde que esse conhecimento apresente factualmente uma maneira que sua dimensão e suas particularidades sejam abordadas para melhor entender o contexto amazônico que é formado por inúmeras expressões culturais. É preciso considerarmos culturas como expressões de identidades e memórias. No aspecto específico do povo brasileiro, ele tem como característica a miscigenação, tornando o processo de identidade ainda mais complexo. Desde a década de 1930, o Brasil tem procurado compor uma identidade que seja símbolo da representação nacional.

Não podemos dizer de uma única identidade cultural brasileira, mas de diversas, frutos de trocas dialógicas e de conflitos relacionais.

Uma copiosa documentação histórica mostra que, poucas décadas depois da invasão, já se havia formado no Brasil uma protocélula étnica neobrasileira diferenciada tanto da portuguesa como das indígenas. Essa etnia embrionária, multiplicada e difundida em vários núcleos - primeiro ao longo da costa atlântica, depois trasladando-se para os sertões interiores ou subindo pelos afluentes dos grandes rios -, é que iria modelar a vida social e cultural das ilhas-Brasil. Cada uma delas singularizada pelo ajustamento às condições locais, tanto ecológicas quanto de tipos de produção, mas permanecendo sempre como um renovo genésico da mesma matriz. Essas ilhas-Brasil operaram como núcleos aglutinadores e aculturadores dos novos contingentes apresados na terra, trazidos da África ou vindos de Portugal e de outras partes, dando uniformidade e continuidade ao processo de gestação étnica, cujo fruto é a unidade sociocultural básica de todos os brasileiros.

(...) Era gestada nas comunidades constituídas por índios desgarrados da aldeia para viver com os portugueses e seus mestiços - que começavam a multiplicar-se na costa pernambucana, baiana, carioca e paulista. Com base no compadrio, ainda no tempo das relações de escambo com índios que permaneciam em suas aldeias independentes. Aqueles núcleos pioneiros evoluíram rapidamente para a condição de comunidades- feitorias quando passaram a integrar também indígenas capturados, estruturando-se em volta de um núcleo de mamelucos e funcionando como bases operacionais dos brancos que serviam de apoio aos navios, estabelecendo suas próprias relações de aliança ou de guerra com tribos vizinhas. Ainda que embebidos na cultura indígena, só falando a língua da terra e estruturados em bases semitribais, já eram regidos por princípios organizativos procedentes da Europa. Constituíam, assim, de fato, brotos mutantes do que viria a ser uma civilização urbana e letrada (RIBEIRO, 1995, p. 269-270).

O que podemos depreender das palavras de Darcy Ribeiro é que a identidade étnica dos brasileiros se explica “tanto pela precocidade da constituição dessa matriz básica da nossa cultura tradicional, como por seu vigor e flexibilidade”. Não por acaso, essa constituição gerou uma diversidade de identidade reconhecida, vivenciada, de certa forma respeitada, com características culturais próprias, mas todas interligadas por razões históricas. Ribeiro afirma que,

A partir daquelas protocélulas, através de um processo de adaptação e diferenciação que se estende por quatro séculos, surgem as variantes principais da cultura brasileira tradicional (...). Elas são representadas pela cultura crioula, que se desenvolveu nas comunidades da faixa de terras frescas e férteis do Nordeste, tendo como instituição coordenadora fundamental o engenho açucareiro. Pela cultura caipira, da população das áreas de ocupação dos mamelucos paulistas, constituída, primeiro, através das atividades de preia de índios para a venda, depois, da mineração de ouro e diamantes e, mais tarde, com as grandes fazendas de café e a industrialização. Pela cultura sertaneja, que se funde e difunde através dos currais de gado, desde o Nordeste árido até os cerrados do Centro-Oeste. Pela cultura cabocla das populações da Amazônia, engajadas na coleta de drogas da mata, principalmente nos seringais. Pela cultura gaúcha do pastoreio nas campinas do Sul e suas duas variantes, a matuta-açoriana (muito parecida com a caipira) e a gringo-caipira das áreas colonizadas por imigrantes, predominantemente alemães e italianos (RIBEIRO, 1995, p. 271-272).

Nesta direção, comenta Paulino (2018) que a formação de uma identidade cultural é algo que depende de diversos fatores, e seu reconhecimento é tanto mais plausível quanto mais forem realizadas práticas singulares de cultura daí resultantes. Com a modernidade e os contatos culturais cada vez mais comuns, o processo identitário se torna ainda mais dinâmico e ao mesmo tempo em que se registram mudanças tanto no espaço físico das cidades e comunidades rurais quanto em manifestações culturais locais. Paulino defende ainda ao menos quatro dimensões

patrimoniais, vistos por ele como tesouros culturais. Ao descrever a defesa da patrimonialização de bens materiais e imateriais da Amazônia, que permitem revelar a riqueza cultural, histórica e ambiental dessa região, ele afirma:

As variadas formas de manifestação cultural encontradas na Amazonia demonstram que não há um jeito único dos grupos culturais dessa região de perceber a si mesmos e ao mundo. Tais manifestações, ao contrário, são tesouros patrimoniais e apresentá-las ao mundo a partir do olhar de quem nasce e experiencia a vida sob a influência da fauna, da flora, do flúvio e do firmamento é também apresentar uma visão do mundo diversa àquela aprendida a partir de fora dessa região. Os tesouros patrimoniais a que nos referimos são classificados em quatro dimensões, a saber, os patrimônios culturais, históricos, memoriais e naturais (PAULINO, 2018, p. 159).

Os patrimônios em suas quatro dimensões são *tesouros* que servem de pilares de um conjunto de saberes e fazeres que dá significado ao lugar e à época [patrimônios situados e datados]. Ainda conforme o autor, a classificação do Patrimônio Cultural da Amazônia possui um propósito mais didático do que teórico, e pode ser apresentado nos seguintes aspectos: i) patrimonialidades culturais como festas, festejos, danças, rituais, manifestações religiosas e folclóricas e de lazer, textos literários, tratos espirituais, ornamentais e medicinais com relação a ervas e raízes, etnoconhecimento sobre animais e plantas; ii) patrimonialidades históricas representativas e testemunhais do intenso cotidiano de uma determinada comunidade ou nação como prédios, casarões, sobrados, palácios, praças, paços, igrejas, ruas, ruínas e lugares de acontecimentos históricos, documentos, acervos museológicos e de casas de cultura, diários, revistas e jornais de época, entre outras; iii) patrimonialidades memoriais como histórias lendárias, provérbios, linguagens, brincadeiras do passado, recordações do tempo passado, registro das lembranças das pessoas mais antigas de determinadas regiões; iv) patrimonialidades naturais como relevos e solos, fauna (aquática, rastejante, mamífera e alada), flora (raízes, plantas árvores, hortas), rios, mares, mananciais, igarapés e igapós; v) hábitos culturais que influenciam na saúde, economia, comunicação e esporte.

Essa estruturação compõe o Roteiro Investigativo de Pesquisa e Registro Patrimonial de Cultura, Identidade e Memória Local, desenvolvido pelo Programa de Extensão Cultura, Identidade e Memória na Amazônia, da Universidade Federal do Oeste do Pará (PAULINO, 2016. Pp. 01-91). Quando coletamos ou inventariamos os patrimônios a partir de cultura, identidade e memória locais, logo se notam as

condições materiais e imateriais que podem sustentar a identidade de grupo social, consolidando um lugar de pertencimento e gerando elos inseparáveis de comunidade.

Especificamente, os patrimônios históricos são em diversos casos representações dos laços de solidariedade coletiva, já que as casas mais antigas, os prédios históricos, paços e ruas carregam sobre si todo um conteúdo memorial que substancializam as identidades e os costumes culturais individuais, familiares, coletivas, e deve ser preservado tal como âncoras que sustentam o futuro mantendo da segurança do passado.

Quanto ao Patrimônio Natural, estes são bens naturais que carregam consigo a paisagem costumeira de uma comunidade. Além disso, é dele que as pessoas retiram o sustento. Paulino justifica que “a relação entre as populações locais e o meio ambiente é uma característica marcante, pois ele é o lugar de ocorrência de produção da subsistência como a agricultura, extração de recursos naturais e a pesca” (PAULINO, 2018, p. 159). Por isso, o autor defende a necessidade de se preservar o meio ambiente local, já que para ele, as condições climáticas resultantes ou não das intervenções humanas, interferem diretamente no ciclo de enchente e seca. É com base nesse ciclo das estações climáticas amazônicas [enchente-vazante; cheia-seca; verão-inverno], que o povo local organiza sua vida, suas relações, seus plantios, os cuidados com seus animais, os calendários escolares, religiosos e de festejo, entre outros. Outras regiões também seguem o mesmo modelo de relação com os patrimônios naturais para organizar suas vidas pessoais e coletivas. Em seu artigo *Amazônia como lugar de culturas: conceitos, contextos e condições identitárias e Memoriais*, Silva e Paulino, apresentam que:

Terra firme, várzea, planaltos e montanhas, serras e planícies, acidentes geológicos, paisagens de campos gerais, florestas densas e de savana, veredas, manguezais e igapós, espécies vegetais de variadas formas, ciclos de enchente e vazante de rios, águas correntes de cores turvas e límpidas, complexos hídricos, igarapés e cachoeiras, animais de diversas espécies povoando céus, terras e rios, formam o patrimônio amazônica natural que garante um cenário singular que desafia os diversos povos e os obriga a severas adaptações para viver e manutenção da vida econômica (SILVA; PAULINO, 2019, pp. 12-13).

Também há os Patrimônios Culturais, que são bens imateriais, e dão identidade coletiva a um povo. Eles são visualizados em festejos populares, sejam religiosos e

seculares, tais como as folias de santo², o Sairé³ e os Círios de Santos, entre outros festejos,

No caso dos Patrimônios memoriais, é todo registro de bens imateriais, costumes e saberes do cotidiano da comunidade e as memórias. Nelas estão as histórias mais particulares, cheias de sentimentos e valor. A memória é a ligação mais íntima que uma pessoa pode ter com sua comunidade, é através dela também que as pessoas mais antigas repassam as tradições e os costumes às novas gerações. Como afirma Ecléa Bosi “a criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização” (BOSI, 1994, p.73), o que neste caso consideramos tratar-se de memórias culturais.

2.1 Sobre a memória como dimensão estruturante da identidade e da cultura

A perspectiva da conceituação de memória – por ser tão abrangente – nos exige delinear a abordagem adotada por esta pesquisa, uma vez que pode ser observada e entendida sob os mais diversos enfoques, desde o biológico ao psíquico. O aporte teórico utilizado considera a compreensão da memória como patrimônio da cultura, ou seja, como o entendimento da relação simbiótica das memórias na história da formação do ser humano, visto como ser histórico, social e, ao mesmo tempo, indivíduo particular. Sob essa ótica, Henri Bergson faz uma reflexão sobre o que seja a memória e seu resgate:

² Para Paulino: “A Folia dos santos de Óbidos é um ritual com procissões e oferendas a um santo ou santa protetores. A imagem do santo ou da santa é levada durante três dias às casas dos comunitários, que a recebem com devoção, manifestada por meio de cantos e benditos, de “puxações” de ladainhas. A procissão é um ritual de alegria, com seus dançantes caracterizados de figuras folclóricas, liderados por um mestre folião” (Confira texto completo sobre o assunto em: PAULINO, Itamar Rodrigues. Encontro das Folias de Santo: bênção á Cidade Presépio. 25.07.2016, p.#1, Sítio Óbidosnet. Disponível em: <http://www.obidos.net.br/index.php/artigos/485-encontro-das-folias-de-santo-bencao-a-cidade-presepio>

³ Para Carvalho: “Destaque-se que a festa do Sairé é uma das mais antigas celebrações conhecidas na Amazônia e contabiliza pelo menos três séculos de existência. No que tange à festa do Sairé de Alter do Chão, especificamente, avento a hipótese de que as experiências históricas de embates entre festeiros (indígenas, caboclos e brancos), eclesiásticos e autoridades de governo foram apropriadas e positivadas pelos primeiros como estratégia de recriação e ressignificação da celebração, promovendo, por vias singulares, sua continuidade na localidade em questão. Ademais, creio que essas experiências se tornaram constitutivas da festa do Sairé como expressão objetificada da cultura de Alter do Chão, a ponto de ensejar ações de patrimonialização” (Confira texto completo sobre o assunto em: CARVALHO, Luciana Gonçalves de. Tradições devotas, lúdicas inovações: o Sairé em múltiplas versões. In: Revista Sociologia Antropológica, Rio de Janeiro, v. 06.01: 237–259 abril, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sant/v6n1/2236-7527-sant-06-01-0237.pdf>

Nossas percepções estão certamente impregnadas de lembranças, e inversamente uma lembrança, conforme mostraremos adiante, não se faz presente a não ser tomando emprestado o corpo de alguma percepção onde se insere (BERGSON, 1990, p. 50).

Em convergência ao conceito fundamental de memória adotado por este trabalho têm-se as postulações de Bergson:

O passado sobrevive de duas formas distintas: 1) em mecanismos motores; 2) em lembranças independentes. Com isso, a operação prática, e consequentemente ordinária da memória, a utilização da experiência passada para a ação presente, o reconhecimento enfim, deve realizar de duas maneiras. Ora se fará na própria ação, e pelo funcionamento completamente automático do mecanismo apropriado às circunstâncias; ora implicará um trabalho do espírito, que irá buscar no passado, para dirigi-las ao presente, as representações mais capazes de se inserirem na situação atual (BERGSON, 1990, p. 59-60).

Observa-se a partir do estudo de Bergson, a faceta individual da memória e como o indivíduo se relaciona com o seu passado. Memória é um tema central nas teorias clássicas de diversas áreas do conhecimento humano, presentes em reflexões de diferentes eixos e orientações teóricas como em análises da memória feita por autores como Jacques Le Goff (1924-2014), Maurice Halbwachs (1877-1945), Pierre Nora (1931-), Norbert Elias (1897-1990), Stuart Hall (1932-2014), Michael Pollak (1948-1992), Michel Foucault (1926-1984), Ecléa Bosi (1937-2017), Alfredo Bosi (1936-2021), entre outros.

A memória depende do *momentum* em que está sendo pronunciada e pelas preocupações inerentes ao processo em que está sendo veiculado. Portanto, não é uma fonte pronta e definitiva, mas esculpida durante um processo subjetivo de (re)memoração. Jacques Le Goff em *História e Memória* discorre sobre a sutileza do trinômio tempo/coletividade/memória.

A distinção passado/presente que aqui nos ocupa é a que existe na consciência coletiva, em especial na consciência social histórica. Mas torna-se necessário, antes de mais nada, chamar a atenção para a pertinência desta posição e evocar o par passado/presente em outras perspectivas, que ultrapassam as da memória coletiva e da História (LE GOFF, 1990, p. 205).

Neste sentido, Pierre Nora cunha o termo “lugar de memória” que pode ser compreendido a partir das características que o definem: é material, é físico como museus, arquivos, cemitérios, coleções, comemorações, tratados, monumentos,

santuários, associações, jornais, etc.; é funcional, pois seu caráter fisiológico de cristalização da lembrança e por conseguinte sua transmissão - tão crucial para os povos tradicionais e amazônicas - e é simbólico, já que remete a um acontecimento vivido por um pequeno grupo de pessoas, que podem ou não estar vivas àquela época mas que possuem a potência da representação para um grupo majoritário.

[Os lugares de memória] são lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre. Trata-se de um lugar de memória tão abstrato quanto a noção de geração? É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número uma maioria que deles não participou (NORA, 1993, p. 22).

Paulino (2018), ao comentar a expressão de Nora, registra a necessidade de se registrar a memória e o local onde a cultura ocorre. Essa necessidade, conforme atesta Paulino, seria uma reação em relação aos processos de aceleração da história e, ao definir os lugares da memória, a comunidade define também sua identidade.

Nesse sentido, Pollak afirma que “a memória é um fenômeno construído. Os modos de construção podem tanto ser conscientes ou inconscientes” (1992, p. 204). Tais concepções de memória nos conduzem à construção do sentido urbano, assim faz sobressaltar os significados e valores subjetivos dos lugares, que são atribuídos por indivíduos que ali estão e numa relação dinâmica de convivência, estabelecem ligações simbólicas entre o ambiente de uma pessoa e suas crenças essenciais e, principalmente, remetem para as imagens e prioridades dos usuários conjuntamente com o ambiente que os cerca. Maurice Halbwachs em “A memória coletiva” discorre:

Assim se explica como as imagens espaciais desempenham um papel na imagem coletiva. O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro negro sobre o qual escrevemos, depois apagamos os números e figuras. Como a imagem do quadro evocaria aquilo que nele traçamos, já que o quadro é indiferente aos signos, e como, sobre um mesmo quadro, poderemos reproduzir todas as figuras que se quiser? Não. Todavia, o lugar recebeu a marca do grupo, e vice-versa (HALBAWCHS, 1990, p. 133).

A priori, a memória parecia ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Halbwachs, destacou que a memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. Mas quais seriam os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Segundo Pollak (1992):

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. (POLLAK, 1992, p. 202)

A memória é seletiva, pois o que fica gravado nela é a junção do que foi visto, vivido e ouvido, e não se refere somente à trajetória da pessoa, já que sua composição e sua alimentação são inegavelmente feitas pela memória coletiva (HALBWACHS, 1990). A memória também sofre adequações de acordo com o momento em que é adquirida e no momento em que está sendo expressa. Portanto, é possível dizer que a memória é um fenômeno construído coletivo e individualmente o que causa uma ligação bastante estreita e latente com processos de identidade. A formação da sua própria imagem adquirida ao longo da vida e a imagem de outros dentro de seu círculo social.

Jan Assmann (2016) faz uma distinção entre dois tipos de memória: a comunicativa, que é aquela que transmite lembranças do cotidiano através da oralidade, sem necessidade de técnica e de instituição que a mantenha, ela vive na interação e na comunicação cotidiana; e a memória cultural, que é referente a lembranças objetivadas e institucionalizadas, que podem ser armazenadas, repassadas e reincorporadas ao longo das gerações. "Não é o passado como tal, como é investigado e reconstruído por arqueólogos e historiadores, que conta para a memória cultural, mas apenas o passado tal como ele é lembrado" (ASSMANN, 2006, p.127).

Ainda segundo Assmann (2016) “memória é a faculdade que nos capacita a formar uma consciência da identidade, tanto no nível pessoal como no coletivo”. A memória cultural é uma forma de memória coletiva, já que é compartilhada por um conjunto de pessoas e dão a elas uma identidade coletiva, isto é, cultural. Ela dá a possibilidade de construção das representações importantes para aquela pessoa acerca dos fatos passados, e nesse processo de revisitar é construída a identidade cultural, preservando toda a herança simbólica que o sujeito a qualquer momento possa lembrar e encontrar sua própria identidade.

CAPÍTULO III

DIAGNOSE DA CULTURA DE SANTAREM A PARTIR DAS MEMÓRIAS COLETIVAS DE SEUS MORADORES: COMPONDO A PESQUISA EM CAMPO

O registro das recordações memoriais dos idosos é algo necessário para a perpetuação dessas memórias e para a manutenção da identidade constituída por elas e a partir delas. Todos os momentos históricos vividos, ou seja, as ocorrências da vida percebidas por uma visão ampla do passar do tempo tanto no âmbito material como no físico dos entrevistados são únicas e, de certa forma, desconhecidas até a sua devida catalogação. Para entendermos a questão de pertencimento a um lugar, é necessário considerar a perspectiva das pessoas que compõem este mesmo lugar. Várias dessas pessoas guardam apenas as lembranças memoriais e as narrativas recordativas dos acontecimentos, que servem como uma proximidade do fato e a narração do evento a partir de uma noção de pertencimento. Nesse sentido, nossa pesquisa foi planejada de modo a propositalmente focar na busca de conteúdos significativos por meio de relatos que permitam uma compreensão científica e cultural dessas memórias em um delimitado espaço na cidade de Santarém, no oeste do Estado do Pará.

Nossa pesquisa partiu da falta de catalogação e registro das recordações memoriais de idosos sobre o centro urbano da cidade de Santarém, das narrações insipientes que encontramos em registros documentais sobre uma parte importante da história da cidade que ao longo dos tempos tem sido jogada ao lugar do esquecimento. Ademais, é fundamental registrar e manter preservado e disponível ao público o acervo histórico relacionado à cidade de Santarém a partir das narrativas e memórias dos idosos.

É importante considerar, que a memória de épocas tão diferentes da nossa podem ser alcançadas a partir das narrações e dos olhares dos moradores mais antigos e da arquitetura que ainda sobrevive com o passar do tempo na cidade de Santarém. Por isso, a pesquisa tem como principal objetivo investigar as condições de preservação ou não do centro urbano de Santarém a partir das narrativas memórias de idosos que moram nesse centro urbano e o não desaparecimento de seus saberes, além de podermos por meio dessas narrações preservadas desvelar os cenários dos patrimônios arquitetônicos na memória e nas histórias dos sujeitos locais.

A presente pesquisa teve um tipo de abordagem de cunho qualitativo. Segundo Minayo (2001, p.21), a pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalhando com o universo de significados, motivo, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis estatísticas e matemáticas. Por se tratar de uma pesquisa em que o conteúdo das falas dos sujeitos será registrado e analisado, cabe então a pesquisa qualitativa. Estamos cientes do caráter subjetivo do objeto analisado. O propósito é compreender o porquê de determinadas narrações dos idosos e relacioná-las a fatos urbanísticos e arquitetônicos do centro urbano da cidade de Santarém. Registrar essas percepções é fundamental para resgatar, recompor e reconsiderar as histórias que deram significado existencial ao centro de Santarém.

3.1. Quanto aos Fundamentos, Procedimentos Metodológicos, técnicas e instrumentos da Pesquisa

A pesquisa qualitativa vem sendo utilizada nas ciências sociais por ser considerada uma pesquisa que engloba uma relação inseparável entre o pensamento e a base material, entre a ação de homens e mulheres enquanto sujeitos históricos e as determinações que os condicionam, entre o mundo objetivo e a subjetividade dos sujeitos pesquisados. Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalhando com o universo de significados, motivo, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Martinelli (1999) ressalta três pontos que conferem importância à pesquisa qualitativa: o seu caráter inovador, como pesquisa que se insere na busca de significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências sociais; a sua dimensão política que, como construção coletiva, parte da realidade dos sujeitos e a eles retorna de forma crítica e criativa; e, por ser exercício político, construção coletiva, sua realização ocorre pela via da complementaridade e não da exclusão.

O procedimento metodológico utilizado em nossa pesquisa é denominado de história oral. É uma maneira de se proceder que prima pela constituição de fontes para

o estudo da história contemporânea. O método da história oral começou a ganhar corpo em meados do século XX, após a invenção do gravador (ALBERTI, 2011, p. 155). Ela possibilita o registro narrativo de testemunhos de atores que vivenciaram uma determinada história oferecendo acesso às possibilidades de interpretações de fatos e acontecimentos do passado, hermenêutica que ocorre por meio das escutas das falas dos participantes da pesquisa e de uma multiplicidade de histórias que uma vez registradas passam a compor o conhecimento oral passado de um orador para o outro.

Os relatos orais são as primeiras fontes de obtenção de conhecimento que o ser humano adquire durante sua jornada existencial. Para Queiroz (1987), o relato oral tem sido a maior fonte de conservação e difusão do saber humano através dos séculos, ou seja, a maior fonte de dados para as investigações sobre a sociedade e a natureza.

A história oral embasa-se na realização de entrevistas com pessoas que presenciaram ou testemunharam acontecimentos ou conjunturas, como forma de se aproximar do objeto de estudo. A história oral é uma atividade investigativa que faz uso de fontes orais, coletadas por meio de entrevista oral gravada, em diferentes modalidades, como fundamentos de entendimento do passado, que pode ser composto com outros materiais, tais como cartas, fotografias e documentos escritos.

Assim é possível recuperar memórias e histórias vividas por indivíduos que vivenciaram determinados momentos históricos e acompanharam a mudança tanto estrutural quanto subjetiva de espaços, e se tornam testemunhas da história. Como resultado disso, as informações coletadas pela história oral servem de fontes de consulta para estudos nas mais diversas áreas do conhecimento humano. Evocamos, pois, a importância de se estudar acontecimentos históricos, grupos sociais e eventos contextuais à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram. Além do mais, a fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas ao estudo de memória.

A História oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas. É claro que, com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos (ALBERTI, 1989, p. 4).

Conforme Alberti, a História oral se impõe como primordial para compreensão e estudo do tempo presente, pois somente através dela podemos conhecer o passado por meio de pessoas anônimas, simples, sem nenhum status político ou econômico, mas que viveram os acontecimentos de sua época (PORTELLI, 1998, p. 120) e seus relatos representam seus sonhos, anseios e crenças através da manifestação de suas lembranças. Ou seja, a fonte oral oferece dados exclusivos, além dos dados escritos, através do contato direto da fonte histórica cujo depoimento oral pode ajudar na elucidação de questões históricas às quais somente fontes testemunhais podem fazê-la. Fontes essas que a História oficial costuma ignorar ou lançar ao universo da exclusão. Elas são pessoas comuns que possuem também seu olhar próprio sobre determinados períodos da história.

A pesquisa foi planejada em passos. Primeiramente, foi realizado levantamento bibliográfico e o aprofundamento do referencial teórico para fins de compreensão do estado da arte sobre a temática. Em seguida, realizou-se a pesquisa de campo com entrevista semiestruturada. Em campo, a proposta foi apresentada aos participantes e após o aceite e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) realizaram-se as entrevistas, que foram gravadas e, posteriormente, transcritas para análise e exposição de resultados.

O questionário das entrevistas para coleta das narrativas foi organizado em vinte e uma questões, obedecendo dois pontos fundamentais:

a) Quanto as memórias de infância e juventude: sobre seu interesse, seu conhecimento, a aquisição e transmissão do saber, das memórias preservadas do período de infância e juventude.

b) Quanto as memórias dos patrimônios históricos: sobre as memórias acerca dos patrimônios históricos existentes ou não atualmente.

3.2. Quanto aos locais da Pesquisa

Para a realização da pesquisa, foi selecionado o Bairro Centro da cidade de Santarém, no oeste do Pará, que também é chamado de Centro Histórico da cidade e abriga os imóveis mais antigos construídos desde 1756. A escolha desta região da cidade se deu pela razão de que ela é considerada a sede primeira da cidade e o local a partir de onde Santarém se desenvolveu. Consideramos também que são as

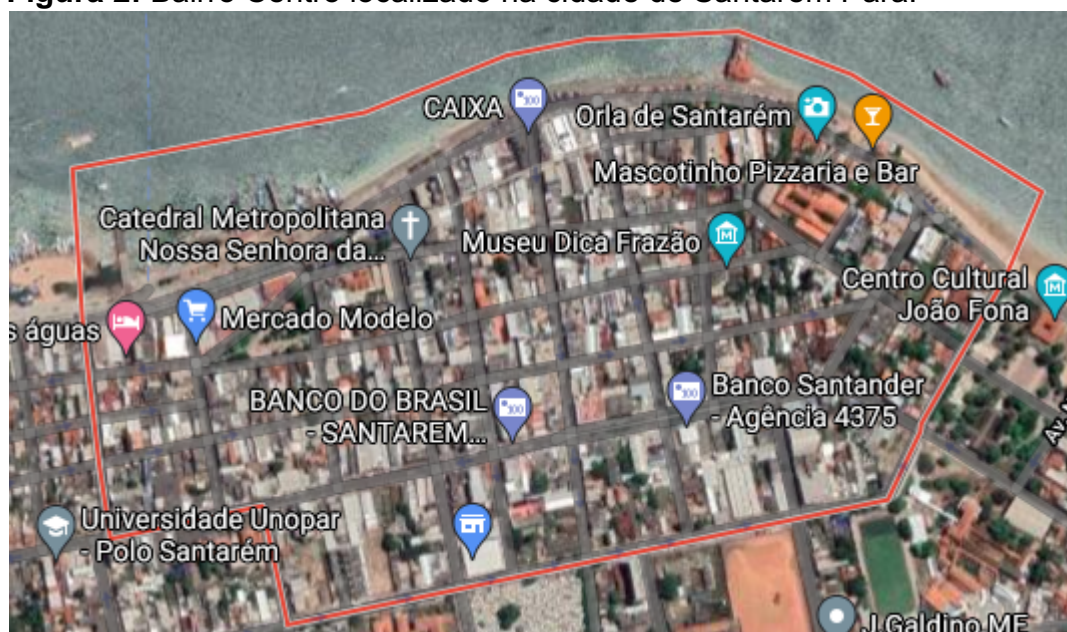
peças que nela moram as que reúnem as condições históricas e existenciais necessárias para responder às indagações da pesquisa

Figura 1: Bairro Centro localizado na cidade de Santarém/Pará



Fonte: Google Maps/2021.

Figura 2: Bairro Centro localizado na cidade de Santarém Pará.



Fonte: Google Maps Satélite/2021.

3.3. Perfil dos Entrevistados

Diante da situação pandêmica que assolou o mundo, nossas pesquisas presenciais ficaram prejudicadas e com elas a possibilidade de ampliação do escopo número de entrevistados, visto que para respeitar as medidas de biossegurança com esse tipo de população que pesquisados, as entrevistas ocorreram via questionário dirigido. Foram realizadas entrevistas com cinco pessoas, três do sexo feminino e dois do sexo masculino, com faixa etária a partir 60 anos. Segundo a Lei N.º 10.741, de 1.º de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências, em seu artigo primeiro, ela considera idosos pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos. Idoso indica uma pessoa com uma vivência traduzida em muitos anos, e a faixa etária é significativa em nosso estudo, pois abrange pessoas que tem uma carga de saberes e memórias adquiridos com seus anos de vida. Além da faixa etária, foram escolhidos moradores atuais ou que moraram em alguma época no bairro Centro e pessoas atuantes na comunidade.

As pessoas pesquisadas possuem entre 62 e 93 anos, sendo três do sexo feminino e dois do sexo masculino. Receberão a seguinte denominação: (JV, MG, HR) as do sexo feminino; e (CS e JC) do sexo masculino. Ressaltamos que a entrevistada MG participou da pesquisa, porém apresentou significativas falhas na memória, fazendo com que nem todos os dados pudessem ser utilizados para análise.

3.4. Roteiro de entrevista para o registro de relatos e coleta de informações em Campo

Os dados que nos concentramos na coleta estão divididos em duas categorias, cujas perguntas foram elaboradas dentro de especificidades de cada tópico a ser coletado. Neste sentido, o questionário foi o seguinte:

Quanto as memórias de infância e juventude

Q 01- Há quanto tempo você mora no bairro Centro? Onde morou antes de vir para o bairro Centro? Por que escolheu o bairro Centro para morar?

Q 02 - Descreva a rua e o bairro de sua infância?

Q 03 - Como era viver no bairro antigamente? O que mudou?

Q 04 - O que mais você sente falta em relação à forma antiga do bairro?

Q 05 - Quais as principais mudanças de construção da época no seu bairro?

Q 06 - Você mora em habitação construída? Sua moradia tem quantos anos de construção?

Q 07 – Qual a sua opinião sobre a ideia de transformar sua moradia em patrimônio histórico de Santarém?

Quanto às memórias dos patrimônios históricos

Q 08 - Identifique quais eram principais prédios e casas existentes durante sua juventude?

Q 09 - Os prédios e casas que você identificou ainda existem?

Q 10 - Se esses prédios e casas ainda existem, descreva a arquitetura deles.

Q 11 - Se eles não existem mais, descreva como eram antigamente.

Q 12 - Quais mudanças estruturais que ocorreram no bairro Centro que você percebeu com o passar do tempo?

Q 13 - Fale sobre os prédios mais antigos que ainda estão de pé, e a lembrança que você tem deles.

Q 14 – Qual o prédio/casa/ casarão mais marcante para você e que hoje não existe mais? Fale sobre ele/ela.

Q 15 - Sobre preservação do patrimônio histórico, você acha importante?

Q 16 - O que você acha sobre a revitalização e reformas (descaracterização) nesses patrimônios?

Q 17 - Para você é importante a preservação do patrimônio cultural do município?

Q 18 - O que você achou de contar um pouco da sua história e dos prédios do bairro Centro?

3.5. Apresentação dos Dados no formato narrativo e análise das narrações e falas

A apresentação dos dados coletados foi feita no formato analítico de narrativas categorizado em dois tópicos, a saber: a) **Quanto as memórias de infância e juventude**; b) **Quanto às memórias dos patrimônios históricos**. Espera-se que com esse formato de análise o entendimento acerca das narrações e referenciais seja mais bem compreendido.

3.5.1. Quanto as memórias de infância e juventude

Partindo do pressuposto de que a memória é preponderante para a existência da cultura através do tempo, destaca-se a cultura como a interação que ocorre entre as pessoas de um determinado grupo e seus modos de vida, os símbolos e formas que esse grupo cria à medida que transforma o meio e estabelece as relações sociais,

A cultura é de todos: este o fato primordial. Toda sociedade humana tem sua própria forma, seus próprios propósitos, seus próprios significados. Toda a sociedade humana expressa tudo isso nas instituições, nas artes e no conhecimento. A formação de uma sociedade é a descoberta de significados e direções comuns, e seu desenvolvimento se dá no debate ativo e no seu aperfeiçoamento, sob a pressão da experiência, do contato e das invenções, inscrevendo-se na própria terra (WILLIAMS, R. 1958: 2).

Dessa forma, a cultura está ligada ao processo de aprender, associado ao transformar constante e ao transmitir o saber adquirido. Na discussão sobre a memória, Halbwachs (1990) considera a vivência da infância como formadora da base para a memória bem mais do que o passado apreendido pela história,

A vida da criança mergulha mais do que se imagina nos meios sociais através dos quais entra em contato com o passado mais ou menos distante, o que é como que o quadro dentro do qual são guardadas as suas lembranças mais pessoais. É esse passado vivido bem mais do que o passado apreendido pela história escrita, sobre o qual poderá mais tarde apoiar se sua memória (HALBWACHS, 1990, p. 71).

A partir do entendimento da relação simbiótica das memórias na história da formação do ser humano, como ser histórico, social e, ao mesmo tempo, indivíduo particular, faz-se importante pensar na etimologia do verbo “lembrar-se”, em francês *se souvenir*, que significa um movimento de “vir” “de baixo”: *sous-venir*, vir à tona o que estava submerso. Neste sentido, todos os participantes da pesquisa afirmaram que moram no bairro desde sua infância, cujos pais trabalhavam no comércio ou prestavam serviço naquela área.

Eu nasci no bairro Centro (Entrevistado CS).

Toda a minha vida, a casa dos meus pais, mas eu também quando casei não morei aqui, mas voltei em 70... Que eu voltei para cá. Porque eu casei e depois eu voltei para cá para a nossa casa, esta casa é dos meus avós, dos meus pais, depois eu comprei a partilha de cada um dos meus irmãos depois

da morte do meu pai. É uma casa própria e é aqui que eu moro sabe?
(Entrevistada JV).

A fala dos participantes mostra que o bairro já representava uma área comercial mesmo sendo em sua maioria residencial.

Meu pai era alfaiate. Meu pai que... a origem dele era lá da Aldeia. E agora como a maioria dos clientes dele estavam no centro, eu acho que por isso ele comprou um terreno em frente ao grupo escolar Frei Ambrósio e lá ele construiu o barraco dele. Começamos a fazer a vida lá (Entrevistado CS).

Por causa do comercio nosso era lá, a padaria. Isso há 22 anos atrás né? - Quando a senhora... - Mas o papai já morava ali na Floriano Peixoto, tinha a Curiboca, ficava no centro (Entrevistada HR).

Como de costume os filhos de famílias mais abastadas estudavam na capital (Belém) ou em outros estados, mas acabavam voltando para a cidade. Neste sentido, é preciso ponderar que no processo de identificação dos entrevistados alguns fatores devem ser considerados. Foi notado que apesar das participantes mulheres terem grau de escolaridade superior, apenas os participantes homens estudaram fora de Santarém. A participação das mulheres no mundo do trabalho foi marcada por uma assimetria no tocante as tarefas executadas, que corroboram com um panorama maior de divisão sexual do trabalho. Diante desse contexto, cabe a interpretação do trabalho em duas perspectivas distintas: a primeira na qual a mulher se responsabilizaria pelo doméstico, privado; e a segunda, na qual o homem assumiria o papel público de provedor do lar, o que proporcionou um processo de socialização diferenciado para os dois gêneros.

Nota-se também, que ao serem questionados sobre o período de vivência no bairro, onde moraram antes de ir para a o bairro Centro e o porquê o escolheram para morar neste local, os entrevistados já inserem lembranças de suas infâncias, histórias que envolvem suas antigas amizades e residências. Segundo Bosi (1994), a partir do estudo das memórias das pessoas idosas é possível verificar uma história social bem desenvolvida pois:

Elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas, elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente eu a solicita muito mais intensamente do que uma pessoa de idade (BOSI, 1994, p. 60).

Ao se alongar nas respostas o velho invoca memórias, de acordo com Halbwachs, citado por Ecléa Bosi (1994, p.60) “O velho não se contenta, em geral, de aguardar passivamente que as lembranças o despertem, ele procura precisá-las, ele interroga outros velhos, (...) conta aquilo de que se lembra quando não cuida de fixá-lo por escrito”. Dessa forma, o velho se interessa mais pelo passado que o adulto, mas não há a certeza de que ele consiga memorar estas lembranças da mesma forma de quando ele era, de fato, um.

Sobre a descrição da rua e do bairro durante a infância, notamos nas narrações que a lembrança é de ruas largas, sem calçamento, com diversas residências e árvores, e sem estrutura de esgotamento. Não havia energia elétrica após as 21 horas, pois a usina que abastecia a cidade na época pausava seu funcionamento e toda a área ficava sem abastecimento de energia.

Naquela época pra tu teres uma ideia 9h da noite apagavam a usina de força e luz que gerava energia pra cidade, acabava. Diziam que a cidade ia ficar no escuro. Então 9h nós recebíamos o sinal de que “olha, vai apagar a luz” (Entrevistado CS).

Tinha uma usina que era a diesel no final lá onde hoje é o Marques Pinto, ali funcionava uma usina de que iluminava Santarém. Chegava uma hora desligava era até mais 8-9 horas aí desligava. Ficava sem energia, a noite não tinha energia (Entrevistado JC).

Ao descreverem a rua, 2 entrevistados recordaram de seus momentos de brincadeiras, sem mencionar ano ou idade. Halbwachs (1950) ressalta que existem quadro de dados temporais aos quais essas lembranças estão relacionadas e “é graças a uma série de reflexões desse gênero que com muita frequência uma lembrança toma corpo e se completa”. O momento da lembrança é rememorado como um todo, uma grande imagem da infância, durante a fala os movimentos do corpo dos entrevistados são percebidos e na medida em que contam sobre as frutas apanhadas no final da rua, seus braços fazem o movimento de apanhar.

Essa movimentação corporal, significa algo da construção da narrativa e dá sentido a como esse entrevistado se percebe e se constrói. Na transcrição das entrevistas em história oral existem dois modos de tratamento sobre o fato narrado, um que existe a importância à precisão factual e à informação, e outro que se preocupa com o que revelam os interstícios do discurso. Segundo Daniele Voldman

(2006, p. 35) “Os primeiros se atêm essencialmente à elaboração de um documento legível para suas pesquisas; eles privilegiam os "modos de proceder". Os outros dão também atenção ao depoente, sensível à dimensão da presença dos corpos e aos "modos de dizer". Em Memória e Sociedade, Ecléa Bosi (2006) argumenta que Bergson “observa também que esse presente contínuo se manifesta na maioria das vezes por movimentos que definem ações e reações do corpo sobre o seu ambiente”. Segundo ela, está estabelecido deste modo, o nexa entre a imagem do corpo e ação. (BOSI, p. 44).

Garotada da época se juntava pra ir jogar bola e colher manga que lá tinham umas três ou quatro mangueiras, e tinha uma árvore que estava praticamente desaparecida por aqui pelo centro, que eu não vejo mais, que era Utiteiro, utite. Uma fruta gostosa que o meu pai me acordava de madrugada pra gente juntar que ele caía. E quem chegasse primeiro pela manhã pra pegar [faz movimentos de apanhar] os utites, saboreava os melhores. Várias frutas gostosas (Entrevistado CS).

Considerando o modo de viver no bairro nos tempos passados foi relatada a existência de um convívio mais próximo entre vizinhos, com amizades sinceras e brincadeiras em grupo feitas principalmente pelas crianças. Sobre o brincar, Borba (2008) exprime que as culturas infantis emergem nos interstícios dos ordenamentos espaciais e temporais que organizam as vidas das crianças.

Nesse processo [do brincar], as relações sociais entre pares sobressaem como elemento fundamental para a construção das culturas infantis. Partilhando os mesmos espaços e tempos e o mesmo ordenamento social institucional, as crianças criam conjuntamente estratégia para lidar com a complexidade dos valores, conhecimentos, hábitos, artefatos que lhes são impostos e, dessa forma, partilham formas próprias de compreensão e de ação sobre o mundo. Cria-se assim um sentimento de pertencimento a um grupo – o das crianças – e a um mundo social e cultural por elas agenciado nas relações entre si (BORBA, 2008. p. 40).

Nos relatos dos entrevistados, apareceram certas brincadeiras que as crianças praticavam em grupo como roda, jogo de futebol, entre outras, e para os jovens há uma referência a cinema:

Tinha o cinema, que era a única diversão que nós tínhamos e a nossa molecada era jogar bola né? Empinar papagaio, jogar pião. Brincadeiras que hoje nossos netos, filhos não conheceram. Eu com 74 anos, meus filhos não jogaram pião, não empinaram papagaio e já estavam na época na bola, na época do futebol. Mas não jogavam bola na rua como a gente jogava, só no colégio e em casa (Entrevistado CS).

Tem muita história, eu me lembro também uma manobra do exército que eles fizeram em Santarém, eu lembro que não sabia o que eu tinha o que estava acontecendo e acordei com rajadas de metralhadora na frente de casa e quando eu vi era soldado correndo, o tiro de guerra tava chegando, antes do 8 BEC chega em Santarém, eles faziam uma manobra de sobrevivência de guerra, era treinamento tinha marinha, exército e aeronáutica. se reuniam na frente do cemitério uma tropa para poder combater a outra tropa e a gente era moleque curioso ia lá ver o que estava acontecendo eles tinham um fogareiro que todo mundo queria, era do tamanho de uma lata de graxa para sapato, e a gente disputava pedindo para eles, alguns conseguiram outros não, aí a gente se reunia no fundo de casa para fazer acampamento para brincar de sobrevivência, fazer comida era uma coisa divertida, saía no meio do Mato para dizer que a gente tava fazendo guerra também, andava a pé de Santarém até a praia de Maria José, dizia para os pais da gente que era passeio do colégio e escondido para lá e ficava na praia lá, levava lata de feijoada para comer e tal no outro dia a gente pegava a canoa de volta para Santarém e os pais da gente não sabia de nada, pensavam que era o passeio do colégio que estava tudo tranquilo, graças a Deus nunca deu problema em mim ninguém nunca morreu nessas aventuras, então são muitas lembranças assim que a gente vai contando e vai lembrando e vai aparecendo na memória da gente (Entrevistado JC).

Nessa entrevista de JC, é bastante interessante o resgate de um fato memorial sobre o treinamento do exército assistido pelas crianças e que, depois de assistido, essas crianças costumavam fazer brincadeiras de acampamento e de treinamento de guerra como a imitar a atividade do exército que ocorria em frente ao cemitério da cidade, que hoje é ocupado por prédios comerciais e residenciais. Entre os entrevistados, três relatam a proximidade entre os conhecidos e dizem sentir falta desse convívio, da comunicação e da conversa.

Os vizinhos não se comunicam ficam para cima, às vezes a gente cumprimenta eles respondem só o cumprimento lá para dentro, a gente diz bom dia e eles respondem bom dia para dentro... não tem aquele contato de vizinho que era quase tudo como a família, agora ninguém se edita mais não sabe mais de nada às vezes não sabe nem quando morre, quando sabe já morreu (Entrevistada JV).

Outra coisa, não tinha... uma coisa boa. Como não tinha televisão, as famílias se reuniam na frente da casa pra conversar. Além de não ter televisão, não tinha bandido, não tinha assalto (Entrevistado CS).

Nas mudanças, além dos hábitos de convivência, as diferenças estruturais nas vias e nos tipos de imóveis do bairro são notadas, como nas narrações a seguir:

Tinham pouquíssimos carros rodando na cidade...pouquíssimas ruas que tinham calçamento (Entrevistado CS).

Ah muito! mudou a água, mudou a luz, isso é que era tudo buraco, buraco, buraco, tudinho, agora tem asfalto, tudo mudou (Entrevistada MG).

Era só terra só era terra, terra, terra nossa rua não tinha nada de asfalto, nada de pedra nada nem calçada. Tinha muitas casas naquela época sim tinha muitas casas naquela época e era muita Terra também e calçada. E o bairro também né ele era todo assim com o chão de terra somente residências sem comércios. Era só a residências não tinha comércios, a luz era da usina era uma luzinha pequenina era escuro não era assim linda a rua não, mas vivemos bem graças a Deus (Entrevistada HR).

Quando perguntados sobre o que mais lhes fazia falta em relação a forma antiga do bairro, não foi sobre lugares ou coisas que os entrevistados lembraram, mas sobre pessoas, a proximidade com os amigos, o sentimento de saudade das pessoas que se foram e as perdas do intenso convívio com elas. Segundo Cocentino e Viana (2011) a morte está intensamente presente nas transformações que o envelhecimento impõe ao ser humano.

O objeto perdido na velhice, no tocante às perdas orgânicas, pode ser, por exemplo, a acuidade visual e auditiva, o vigor físico, a beleza juvenil – extremamente valorizada na sociedade ocidental, a memória, a elasticidade e a potência sexual. Também o status alcançado por meio do desenvolvimento da atividade profissional, o convívio constante com colegas de trabalho e ainda a redução de proventos constituem possíveis objetos perdidos na aposentadoria. Ainda, a mudança de papel e status na vida em família e a perda do par amoroso e de amigos podem desencadear o processo de luto nessa fase do desenvolvimento do homem. Trata-se de perdas verdadeiramente experimentadas e o sujeito que envelhece costuma ter consciência das mesmas (COCENTINO E VIANA, 2011, p. 596).

Uma abordagem sobre a memória de idosos carece de uma compreensão do processo de perda vivenciado nas sucessivas experiências de perdas na velhice. A saudade do convívio e troca de experiências com amigos e vizinhos, passa por esse processo, como podemos ver nos excertos abaixo:

A vizinhança porque nós éramos lá. Aqui olha eu não sei quem mora aqui no outro apartamento eu não visito nenhum, só se tiver doente aí eu vou lá visito e volto mas não tem intimidade (Entrevistada HR).

A gente tem tentado se encontrar para bater papo, reunir para comer um peixe, quem gosta de uma cervejinha toma cervejinha, quem não gosta de tomar suco a gente tem tentado fazer isso. mas a maior dificuldade que eu tenho visto, que a mudança grande que eu observei é essa dificuldade que nós temos de manter os amigos para poder se relacionar, essa proximidade, antigamente todo dia a gente se reunia mas com essa, dificuldade essa realidade aliás, cada um tem a sua própria família fica mais difícil né (Entrevistado JC).

Sobre as principais mudanças de construção da época é evidente a derrubada de casas e casarões para a construção de prédios residenciais e comerciais, além da ampliação do parque comercial na área central de Santarém, nos últimos anos.

Foi a invasão do comércio. O comércio tomou conta de tudo né? O quê que era Santarém se você pegar da Borges Leal pra baixo, é tudo comércio. Lá na Mendonça Furtado tem uma casa de família aqui ou ali e o resto é comércio. Eu na década de 70, andava na Mendonça Furtado e era um areião, não tinha a divisão do meio da rua... Ali era só terrenos (Entrevistado CS).

Os prédios. Por exemplo o nosso prédio eu fui a primeira moradora desse prédio tinha uma pessoa depois veio o ****, mas primeiro fui eu (entrevistada HR).

Analisando as narrações (patrimonialidades memoriais), é possível constatar a troca das patrimonialidades históricas representativas (casas, casarões) por imóveis com “valor econômico” agregado às atualizações tecnológicas e de técnicas de construção e que se encaixem melhor na nova formulação arquitetônica que o bairro Centro tem adquirido com o passar dos anos, definidos nos diversos planos diretores para o centro da cidade, principalmente, quanto ao fortalecimento do comércio. Neste caso, a não valorização desses patrimônios históricos que permitem o olhar conceitual arquitetônico e urbanístico de uma época na cidade de Santarém, assim como as memórias dos moradores que teimam em atualizar suas narrações para que a constituição do centro urbano de Santarém faça sentido do ponto de vista arquitetônico e urbanístico, não permite que a cultura do lugar permaneça e se perpetue, fragilizando as relações culturais da cidade, desconstruindo a diversidade de comportamentos, crenças e costumes, valores espirituais e materiais, que são realizações de uma época e de um povo, e as manifestações voluntárias individuais ou coletivas artísticas ou não e que por meio delas seja apresentada uma determinada identidade cultural (PAULINO, 2018, p.155).

Um aspecto que a investigação trouxe à tona foi que dos cinco entrevistados apenas dois deles moram na residência a muito tempo (mais de 50 anos), 01 participante não reside mais na casa de infância, mas mora em prédio dentro dos limites desta pesquisa. Os outros 02 participantes não residem mais no bairro Centro, seu bairro de infância. Na entrevista de JV, a narração é a de que “Ela (a casa) tem

200 anos, quase 200 anos, foi feita pelos meus avós, depois ficou com os meus pais e depois eu comprei as partes dos meus irmãos” (Entrevistada JV).

Quando indagado sobre a ideia de transformar sua moradia em patrimônio histórico de Santarém, o Entrevistado MG não concorda “olha não sei nem te dizer, porque a gente ia perder né (...) o negócio é que não conservam né”. Nota-se a falta de conhecimento acerca da Política de Patrimônio Cultural Material (PPCM) que foi instituída pela Portaria N° 375, de 19 de setembro de 2018. Esta normativa serve de guia para ações e processos de identificação, reconhecimento, proteção, normatização, autorização, licenciamento, fiscalização, monitoramento, conservação, interpretação, promoção, difusão e educação patrimonial, todos relacionados à dimensão material do Patrimônio Cultural Brasileiro (IPHAN, 2018).

A PPCM tem várias proposições legais para garantir a preservação e valorização do patrimônio cultural, todas em vista de se garantir o objetivo maior de promover a construção coletiva dos instrumentos de preservação. Essa normatização garante, por exemplo, as ações do Iphan junto às comunidades e entre os agentes públicos. Podemos afirmar que esse objetivo decorre de diversos princípios, como a indissociabilidade entre os bens culturais e as comunidades, a participação ativa na elaboração de estratégias e a colaboração entre as esferas do Poder Público e a comunidade (IPHAN, 2018).

3.5.2 Quanto as memórias dos patrimônios históricos

Como anteriormente citado, após a Segunda Guerra Mundial os Patrimônios Históricos foram mais discutidos, valorizados e assegurados com documentos e tratados internacionais. A destruição de cidades inteiras os torna um lugar de memória, esses lugares são carregados de história e memória. Hoje, Hiroshima, por exemplo, faz parte da rota dos turistas ocidentais que vão ao Japão, os visitantes são atraídos pelo Parque da Paz e Museu Memorial da Paz de Hiroshima que guardam relatos de sobreviventes, roupas e até a cúpula da bomba. O local carrega uma função identitária, como explicita Candau (2016):

Topofilias e toponímicas, a memória e a identidade se concentram em lugares, e em “lugares privilegiados”, quase sempre com um nome, e que se constituem como referências perenes percebidas como um desafio ao tempo. A razão fundamental de ser de um lugar de memória, observa Pierre Nora, “é a de deter

o tempo, bloquear o trabalho de esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte” (CANDAUI, 2016, p. 156-157).

Conforme Nora (1993, p. 21), “são lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica”. Segundo Silva (2010), a categoria patrimônio é um potente instrumento analítico para entender a vida social e cultural no mundo atual, quando utilizamos o conceito patrimônio cultural é a dimensão cultural do patrimônio que estamos querendo discutir; ao mesmo tempo em que, e isto se percebe muito pouco, também estamos falando da dimensão patrimonial da cultura.

Entre as patrimonialidades materiais estão casas prédios, casarões, sobrados, palácios, praças, paços e igrejas. Um instrumento de reconhecimento e proteção do patrimônio cultural mais conhecido é o tombamento. O tombamento foi instituído pelo Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, o primeiro instrumento legal de proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro e o primeiro das Américas. De acordo com esse decreto, Patrimônio Cultural é definido como um conjunto de bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação é de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico (IPHAN).

No ano de 2019, quatro prédios foram selecionados para o processo de tombamento na cidade de Santarém, a Catedral de Nossa Senhora da Conceição (Igreja Matriz), Centro Cultural João Fona, Solar dos Brancos e o Solar do Barão. Embora haja esse processo, é fato que nenhum deles tenha já sido tombado. Dentre os patrimônios citados quando indagados sobre quais eram principais prédios e casas existentes durante sua juventude, 03 deles foram citados (Solar do Barão, Solar dos Brancos e a Catedral de Nossa Senhora da Conceição). Outras construções foram lembradas, como: Solar dos Macambira, Sobrado do Sol, Solar dos Campos, Colégio Dom Amando, Igreja de São Raimundo, Castelo, Praça de São Sebastião, Cine Olímpia, Centro Recreativo, Colégio Santa Clara e o Cristo Rei.

Olha... o que eu lembro assim, primeiro a Igreja. Que era o prédio mais antigo. Aí tinha: o Sobrado Branco, o Solar dos Macambira Braga, tá? Não era um solar, mas era uma casa bonita. Aí tem do lado o Mascote que era o dos Pinto... Tem um que eu falei mas não me lembro o nome dele... O Barão

de Santarém. O Solar do Barão de Santarém, aí andando mais pro lado da Prainha tu tinhas o Miléo. Na Francisco Corrêa tinha aonde tá... mora hoje o Edson Queiroz que é fotógrafo (...) Vindo mais pra cá tinha outro prédio que tá o Cartório. Então, era isso que era na minha infância. São esses prédios que eram mais marcantes, deixaram marca pra gente na memória. (Entrevistado CS).

Daqui mesmo? A casa da dona Laire [Solar dos Campos], a Catedral, tinha subindo aqui nós tínhamos tipo um convento que era de um fotógrafo, que era muito interessante, ele era padre deixou de ser padre e casou, era o Bernardo, ele morava assim para dentro era tudo cercado de muitas plantas, era bem grande quase um quarteirão, não era um prédio mas era uma coisa diferente para a época agora atual né, era muito diferente (Entrevistada JV).

Colégio Dom Amando, a Igreja da Matriz, Igreja de São Raimundo, o Castelo, a Praça de São Sebastião, era diferente essa igreja é mais recente tinha uma igreja antes de sair e a praça São Sebastião era diferente também (Entrevistado JC).

Olha... Daquela esquina até aqui nesse muro era dos Gentil, meus sogros, e de lá para lá eram do pai do Dororó, o Isoca (Entrevistada MG).

Era o cine Olímpia, o recreativo, daqueles prédios antigos eu acho que só tem eles dois já, o recreativo, o cinema (...) ah tem o Cristo Rei, Colégio Dom Amando e Colégio Santa Clara (Entrevistada HR).

Os prédios identificados pelos participantes da pesquisa, em sua maioria, ainda existem [mais adiante, exporemos alguns desses prédios identificados pelos entrevistados, sua fundação e curiosidades]. Alguns permanecem com sua função original (Centro Recreativo, Solar dos Campos, igrejas e colégios), outros foram reformados e readequados às necessidades públicas ou particulares como é o caso do prédio Cristo Rei que já fora um teatro onde artistas locais se apresentavam, e hoje abriga o Centro de Artesanato do Tapajós; o Solar dos Brancos e o Cine Olímpia, localizado ao lado da Igreja Matriz, e que hoje é um restaurante.

Sobre a arquitetura dos prédios e casas ainda existentes, o Solar dos Brancos ou Solar dos Confederados é um exemplo de que a preservação da arquitetura histórica não é um empecilho para a continuidade do desenvolvimento comercial de bairros históricos. O prédio foi construído ao final do século XIX. A parte interna do imóvel encontra-se mudada, mas a fachada com desenhos de alto relevo, suas oito janelas protegidas por parapeitos de ferro, com revestimento de azulejos portugueses em azul e amarelo com fundo branco ainda se encontram preservados e dão maior beleza ao local. Atualmente, uma grande franquia nacional de vendas de roupas femininas opera no prédio. Seu interior foi totalmente adaptado para o funcionamento desta loja.

Figura 03: Solar dos Brancos – Localizado na cidade de Santarém/Pará



Fonte: Elaborada pela própria autora, 2015.

A Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, também conhecida como Catedral da Imaculada Conceição, foi iniciada em 1761 no local do antigo cemitério Tapajó e oficialmente inaugurada em 08 de dezembro de 1819, é o prédio mais antigo da cidade que ainda resiste às intempéries do tempo, às tentações da modernização arquitetônica, mesmo que não mantenha sua forma original. No projeto aprovado para a construção da atual catedral, a igreja tinha 2 torres mais baixas que as da atualidade e a nave central possuía 2 corredores ladeados por cor colunas torneadas de madeira onde ficavam em cada um dos lados 2 altares e 2 confessionários. Na entrada, encontrava-se uma coluna mais alta para a apresentação do coral e ao fundo ficava imponente um altar de mármore tendo ao fundo o crucifixo de ferro. Desde 1851, o prédio passou por várias reformas internas e externas como a reforma de 1968 que alterou o que ainda restava de sua arquitetura original. Recentemente, no ano de 2019, a catedral da Imaculada Conceição passou por uma nova reforma descaracterizando-a ainda mais, principalmente com relação ao forro de gesso.

Figura 04: Catedral de Nossa Senhora da Conceição localizada na cidade de Santarém/Pará



Fonte: Elaborada pela própria autora, 2015.

Localizado na praça do pescador o Solar Barão de Santarém, não tem a sua data de construção precisa. Costuma-se afirmar que foi erguido entre 1820 a 1860. É considerado o segundo prédio mais antigo de Santarém. Ele tem três pavimentos no estilo colonial português, com inspiração no modelo arquitetônico do Palácio dos Governadores em Belém do Pará. No térreo, o espaço é usado para o comércio, e os andares superiores ainda guardam móveis que vieram diretamente da Europa para decorar o Solar. No topo da fachada, pousa as armas do Barão de Santarém, que foram definidas pela Princesa Isabel durante sua condecoração em 1871.

Figura 05: Solar do Barão de Santarém localizado em Santarém-Pará



Fonte: Elaborada pela própria autora, 2015.

O Solar dos Campos foi construído em 1868, tem seis janelas em forma de arco e uma porta, a parede revestida com azulejos portugueses coloridos em azul e amarelo, e o brasão da Família Corrêa Campos na fachada ainda sobrevive ao tempo. Apesar de seus 147 anos de construção, ainda permanece com a mobília original, inclusive o piano vertical, cadeiras, guarda-roupa, cofre e oratório. Relíquias que foram conservadas bravamente

Figura 06: Solar dos Campos localizado na cidade de Santarém/Pará



Fonte: Elaborada pela própria autora, 2015.

Ainda sobre os prédios citados pelos entrevistados, está o Castelo, construído no início do século XIX, em dois pavimentos, na esquina da Travessa dos Mártires

com a Avenida Lameira Bittencourt. Depois de servir de residência para seus primeiros donos, foi sede do Vice-Consulado português e do Serviço de Proteção aos Índios (SPI); hotel no andar superior; lanchonete, loja de miudezas e escritório de advocacia, em baixo (Sena, 2016). Esse prédio entrou em ruínas e sua demolição ocorreu logo após a construção da Avenida Tapajós, quando foi destelhado, abandonado e demolido por sugestão de engenheiros à época, em abril de 1982.

Figura 07: Castelo localizado na cidade de Santarém/Pará



Fonte: Arquivo do Instituto Cultural Boanerges Sena/2022.

Figura 08: Castelo localizado na cidade de Santarém/Pará



Fonte: Arquivo do Instituto Cultural Boanerges Sena/2022.

Figura 09: Castelo localizado na cidade de Santarém/Pará



Fonte: Arquivo do Instituto Cultural Boanerges Sena/2022.

O prédio chamado de Castelo permeou as memórias dos entrevistados, como pode-se notar:

Eu tenho a lembrança do que eu conheci, o hotel Castelo né? A igreja eu tenho lembrança porque eu fui coroinha, e as paredes de quase um metro assim... por que a nossa infância foi justamente ali né? ... Ao redor da igreja, descendo a igreja, batendo sino... fui coroinha. Todo mundo era coroinha ali (Entrevistado JC).

Aquele que foi derrubado, o Castelo, na Travessa dos Mártires. Eu fui lá também várias vezes, muito bonito e venderam e já fizeram outras coisas. Era muito bonito, foi hotel, foi loja, tudinho, depois derrubaram tudo (Entrevistada JV).

O Castelo ele era uma venda, porque depois ele se foi hotel, ele foi comércio, tá entendendo? E ele ficava praticamente dentro do Rio Tapajós. Era um prédio marcante. O castelo fica na lembrança mesmo... o Castelo pra mim é emblemático (Entrevistado CS).

Em geral, as transformações no comércio no Brasil se intensificam após a II Guerra Mundial, quando houve a expansão da indústria e comércio dentro do nosso território. Esse processo de industrialização acelerou a urbanização das grandes cidades e na Amazônia não foi diferente. Na década de 1950, foi cogitado que a Amazônia deveria ser internacionalizada devido ao seu grande potencial econômico devido à sua enorme riqueza. No ano de 1954, o Governo Federal criou a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazonia (SPVA), com o objetivo de desenvolver a região amazônica, por meio do aproveitamento dos potenciais energético, madeireiro e mineral. Essa política, fundamentada pela política

do integrar para entregar, levada a termo pelo governo brasileiro fez chegar à região grandes projetos como a Usina Hidrelétrica de Tucuruí (UHT), o da Mineração Rio do Norte (MRN), Albrás e Alunorte e o Projeto de Ferro Carajás (PFC), a construção das rodovias federais BR 230, também chamada de Rodovia Transamazônica, e BR 163, conhecida como Rodovia Santarém-Cuiabá. A construção de usinas hidrelétricas e estradas ocasionaram grandes mudanças socioambientais que causaram prejuízos enormes à sociedade amazônica, incluindo aumento da pobreza, aumento da população e violência, principalmente, contra as comunidades tradicionais indígenas, quilombolas e de ribeira.

Sobre as mudanças estruturais que ocorreram no bairro Centro com o passar do tempo, foi citada a mudança de cenário de um bairro majoritariamente residencial para comercial. HR, em sua narração afirmou com convicção que “Muitas casas que não existem mais e agora são comércio”. A entrevistada JV, uma das poucas residentes no bairro fala: “É... foram muitas mudanças, inclusive as casas domiciliares foram vendidas e agora é tudo loja, loja, loja e loja. Então, nós não temos mais quase vizinhos. Só tenho aqui nos altos, tem apartamentos aqui que eu lhe falei, e os outros já viraram tudo comércio”.

Essas mudanças ocorreram gradativamente com o passar dos anos, de acordo com o crescimento da cidade. Imóveis foram colocados em situações de abandono propositalmente para que pudessem ser demolidos e transformados em pontos comerciais, prédios e estacionamentos. Para CS “Poderia ser melhor administrado, mas a invasão do comércio pra qualquer parte do mundo de negócios, ela é inexorável. Não tem como evitar. Nós tivemos vários períodos que foram marcantes com a entrada de recursos”.

Nas memórias dos idosos não estão apenas histórias sobre o que não existe mais, sobre os prédios mais antigos que ainda estão de pé e as lembranças da infância, de casamento, história sobre acontecimentos nas escolas e na igreja, e as particularidades. CS recorda com um sorriso no rosto ao relembrar seus tempos de escola: “Olha... dois. Esses que eu mais guardo lembranças foram onde eu estudei. O Frei Ambrósio que era em frente de casa, que tinha uma calçada que ia subindo assim da rua até chegar lá no prédio e ali nós brincávamos e o Dom Amando. Dom Amando não sai da minha memória nunca, nunca vai sair”. Como afirmou Nora (1993)

“a memória é um fenômeno sempre atual e um elo vivo no eterno presente”
continuando:

A história é uma representação do passado. Porque afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções (NORA, 1993, p. 09).

Histórias dos tempos de juventude permeiam as lembranças dos entrevistados, memórias essas que são passadas de geração para geração. Valorizar essa patrimonialidade é salvaguardar a identidade que forja seus cidadãos.

Saudade do cinema Olímpia, sabe o que era, a gente ia na missa 8 horas, depois das da missa às 8:00 a gente ficava dando volta no largo da matriz, dando volta com a mãe sentada no banco vigiando a gente, e a gente dando o voto e era essa a nossa lembrança (Entrevistada HR).

Sobre os prédios/casas/casarões mais marcantes que nos tempos atuais não existem mais, o Castelo foi o mais citado. O prédio abrigou vários tipos de estabelecimentos. Durante a cheia do Rio Tapajós servia como local de brincadeira entre os amigos. JV comentou que “mas foi esse que eu lhe falei (Castelo) que eu tomava banho, esse que eu falei ainda agora, que a gente descia para tomar banho, no tempo de cheia a gente ficava tudo segurando...”.

O Castelo ele era uma venda, porque depois ele se foi hotel, ele foi comércio, tá entendendo? E ele ficava praticamente dentro do Rio Tapajós. Era um prédio marcante. O castelo fica na lembrança mesmo (Entrevistado CS).

O centro recreativo foi o único marcante, ficou destruído, mas eles voltaram a fazer, tá bom, ele está bom (Entrevistada MG).

Castelo. para mim foi o Castelo, para mim foi uma tristeza muito grande a demolição do Castelo, era histórico, meu marido sempre dizia: nós moramos numa travessa que começa num Palácio e termina no cemitério (risos) tinha um Palácio que era o Castelo, essa travessa é histórica, porque era a luta dos cabanos (Entrevistada JV).

Sobre momentos cristalizados na memória, de épocas passadas atrelados a lugares, podemos afirmar que carregam um grande significado, por isso a dor e o sentimento de perda quando o mesmo não está mais erguido. Segundo Nora (1993):

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda há memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória (NORA, 1993, p. 7).

A proteção dos bens de interesse cultural, artístico e histórico possui dispositivos legais e são de interesse do Estado brasileiro como versa o Artigo 216, caput e §1º, da CRFB/88, que delimitou os bens que constituem patrimônio cultural brasileiro:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:
 I - as formas de expressão;
 II - os modos de criar, fazer e viver;
 III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
 IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
 V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.
 § 1º - O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

Dessa maneira, os entrevistados responderam afirmativamente sobre a importância da preservação do patrimônio histórico, no entanto, apesar de constitucional, os entrevistados percebem falta de compromisso estatal com tal preservação.

Muito. Acho muito importante mas infelizmente a nossa política não dá muita atenção para isso né. tem dinheiro para tudo menos para educação, saúde e essas coisas que podem preservar – cultura- cultura (Entrevistada JV).

Eu acho que Santarém, que os governantes ainda não se atentaram pro descaso (Entrevistado JC).

Para que a memória possa ser utilizada como fonte de educação ou até desenvolvimento de políticas públicas, é necessário um espaço de convergência, um ponto no espaço onde os relatos se conectem e formem uma rede, de forma que estejam disponíveis e organizadas, os monumentos construídos, são história e cultura sedimentadas.

Eu acho que é, porque cada cidade tem a sua história para contar. eu não sei ontem eu estava vendo um cidadão contando a história de Santarém e muito bonita viu (...) ele contando e mostrando para o povo o que Santarém tem... gostei muito sabe, mostrando também a região norte (Entrevistada MG).

É oportuno ressaltar, que o Estado tem a função de preservar os patrimônios históricos materiais e imateriais nacionais, assim como compete ao IPHAN preservar, identificar, fiscalizar, revitalizar, restaurar e divulgar os bens culturais brasileiros. Nesse mote, foi questionado acerca do tema revitalização e reformas dos patrimônios históricos santarenos. De forma geral, todos apoiam a revitalização ou reforma com o objetivo de preservação.

Eu acho que seria uma boa se fizesse a reforma mas como eu estou lhe falando, falta dinheiro para tudo - mas seria uma reforma mais em tons de preservação?- de preservação sim não em tom de transformação, de preservação. mas já nem tem mais já acabaram quase todos (Entrevistada JV).

Assim, se percebe o interesse dos entrevistados em salvaguardar não somente a estética dos prédios, como também a história da coletividade, tendo em vista a sua importância artística, cultural e paisagística. Sua efetivação ocorreria, por meio da aplicação da legislação constitucional pelo do Estado.

Quando questionados quanto à importância da preservação do patrimônio cultural do município, os entrevistados revelam certa preocupação com o tema, uma vez que percebem a relevância do ato de preservar e o confrontam com a realidade dissonante.

Eu acho que sim, em termos de preservação da música, dos costumes. Eu acho que isso que é importante, mas... a gente perdeu muito assim na história, a gente foi muito deixado de lado né? E... até o turismo, quando as pessoas chegam aqui a gente não tem muito o que apresentar (Entrevistado JC).

Ainda sobre o tema, Thompson (2006, p.32) afirma que “olhar os elementos subjetivos e objetivos lado a lado é a forma mais eficaz de análise” da história oral colhida, nessa perspectiva o dado colhido caminha ao lado do subjetivo espaço da memória e das vivências individuais.

Recordar. O RE é passado. Recordar em latim é Recordare. RE: passado. COR: coração. DARE: dar. Recordare. É dar ao coração o passado. Quem recorda vai buscar uma coisa lá de trás pra dar pro coração acreditar.

Revitalizar é fazer ressurgir o passado, o passado é vitalizar. - Dar vida novamente (Entrevistado CS).

Enfim, os entrevistados foram indagados sobre o que sentiram ao contar um pouco da sua história e dos prédios históricos e todos gostaram, a entrevistada HR disse: “eu achei maravilhoso, porque vai virar, vai ficar uma lembrança maravilhosa daquele tempo antigo, as pessoas só querem hoje em dia mudar, mudar, mudar, por exemplo essa minha cadeira é antiga. Eu só mudei a palhinha porque não tinha mais, mas ela é antiga”, JV falou: “Acho que é uma oportunidade muito boa só tenho a agradecer a você, espero que outros jovens também como você assim interessem de fazer a mesma coisa, com outras pessoas também, foi muito bom, só quero parabenizar por ter escolhido esse tema e de me dar a oportunidade de falar alguma coisa”. Daí se vê a importância de se perpetuar vividamente a memória cultural, e como resguardar a valorização das memórias dos idosos contribui para a sua autoimagem de forma positiva. As narrativas coletadas trazem possibilidade de socialização e de resgate, como expõe Bosi (2006):

Ao transmitir as lembranças de pessoas idosas que escutei, quero expor o que pensa Walter Benjamin sobre a arte de narrar. Sempre houve dois tipos de narrador: o que vem de fora e narra suas viagens; e o que ficou e conhece sua terra, seus contêrreos, cujo passado o habita. O narrador vence distâncias no espaço e volta para contar suas aventuras (BOSI,2006, p. 34).

Ao recordar sua história, o idoso relembra não somente momentos individuais, mas coletivos e se sente pertencente a um lugar e um tempo cristalizados em sua memória.

É, eu gosto de contar história, de falar sobre Santarém porque é um lugar que eu acho que merece muito mais do que ela tem, porque o meu desejo seria que Santarém tivesse uma estrutura melhor pra poder meus netos poderem estudar. Uma preservação do rio, uma preservação da cidade, da cultura, da alimentação... a própria cultura já está dentro da alimentação... tem algumas coisas que a gente não vê mais em Santarém porque perderam ou não se fabrica mais ou não se planta mais né? Algumas coisas, algumas frutas que sumiram. A dificuldade de manter o equilíbrio do rio com o peixe... e os peixes estão ficando cada vez mais escassos... e eu acho que deveria ter um melhor pensamento, uma maneira de manter preservada essas memórias arquitetônicas... eu acho que deveria melhorar pra manter a cidade preservada e... é isso aí (Entrevistado JC).

“Nunca se deve subestimar o poder do compartilhamento da experiência humana” tal comentário foi proferido pelo professor Paul Thompson no seminário

Memória, rede e mudança social promovido pelo SESC/SP (2006). A articulação entre grupos sociais e os meios de produção de conhecimento são fundamentais para retirar os idosos do isolamento social, o que é preponderante para impulsionar mudanças em várias esferas coletivas como as econômicas e culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação buscou através de estudos teóricos um aporte sólido com discussão sobre o conceito de cultura e memória, focando nas narrativas orais que evidenciassem as possíveis transformações na arquitetura urbana do Bairro Centro, na cidade de Santarém, no oeste paraense. Esses estudos tornaram possível a elaboração de questionário e aplicação da entrevista acerca do tema memória, identidade e patrimônio arquitetônico, formando assim uma diagnose da cultura de Santarém, a partir e por meio do olhar sobre a arquitetura revelados nas narrativas memórias coletivas dos idosos moradores locais.

No início da empreitada, se esperava que a partir dos dados capturados, poderíamos projetar processos de ação de estímulo à preservação, de resgate de memórias e o não desaparecimento dos saberes dos idosos entrevistados, além de investigar os cenários do patrimônio histórico arquitetônico evidenciados nessas narrativas de história dos sujeitos sociais que vivenciaram os acontecimentos e focando na transmissão das histórias e dos costumes dos mais velhos aos mais novos.

Essa pesquisa não teria sido possível sem a gentileza e a generosidade dos idosos participantes, que abriram as portas de suas casas e de seus passados para nossa pesquisa. Suas narrações memoriais nos ajudaram a recompor a história do centro histórico de Santarém; mas não somente isso, através delas podemos defender a importância da preservação do patrimônio histórico arquitetônico da cidade, não somente como parte cultural e patrimonial, como também enquanto elo entre o passado e o presente, cuja riqueza empírica e cognitiva passa despercebido pela maioria dos habitantes da cidade de Santarém, no Pará.

Durante o desenvolvimento desta dissertação, o mundo passou por uma de suas maiores crises de saúde, a pandemia da COVID-19. Ela desnortou não somente os governos e agentes de saúde, como também os pesquisadores que necessitavam de proximidade, presencialidade junto ao seu grupo de estudo e participantes da pesquisa. De fato, isso ocorreu durante o desenvolvimento de nossa pesquisa.

Vale ressaltar, que os idosos estão inclusos no grupo de maior vulnerabilidade de incidência e mortalidade da doença - 81,9% dos óbitos ocorrem em pessoas acima

de 60 anos, segundo a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) -, dificultando ainda mais esse encontro de pesquisador-participantes da pesquisa, de gerações e troca de experiências que se deu durante a prática investigativa. Neste sentido, notamos que as condições de flexibilização de modelos rígidos de pesquisa juntadas a raridade da vida humana e sua urgente preservação, nos obrigaram a desenvolver ainda mais nossa necessidade de escuta ao outro, e preservação das narrativas memoriais e contação de histórias desse público pesquisado.

Apesar das dificuldades que ocorreram durante a pesquisa, os objetivos traçados no início da jornada foram alcançados e a nossa questão norteadora, a saber, *o bairro centro da cidade de Santarém tem sido valorizado e preservado em sua estrutura arquitetônica segundo as narrações memoriais das pessoas idosas que moram nesta região?* pode então ser respondida. Durante as entrevistas ficou nítida a preocupação dos entrevistados com o descaso com que as patrimonialidades materiais e imateriais são tratadas na cidade de Santarém.

De maneira bastante precisa e objetiva, considerando a pesquisa realizada com antigos moradores do Bairro Centro de Santarém, no oeste paraense, as narrativas memoriais e a evidenciação apresentada por nós, por meio da inventariação das construções que os entrevistados citaram e memoriaram no Bairro Centro, há um processo constante de abandono, depredação, degradação, desvalorização e falta de compromisso com a preservação das estruturas arquitetônicas desses prédios. Neste sentido, os idosos ainda propuseram em suas falas sugestões de parceria entre proprietário e poder público com o fim de transformar patrimônios históricos em imóveis úteis para a sociedade, com funções diversas e não somente comerciais. Sugeriu-se também que as construções e os espaços históricos no centro de Santarém sejam valorizados como acervo de acesso à história do passado na região amazônica e habilítá-los também às novas necessidades dos dias atuais.

Como já citado, a pandemia da COVID-19 foi um período difícil para a pesquisa, mas a partir deste problema pudemos ver a preservação das memórias dos idosos não mais como algo que pode esperar para ser feito. E uma segunda questão surgiu: *como valorizar e preservar as memórias dos idosos e o patrimônio histórico arquitetônico no bairro centro em Santarém Pará?* A pesquisa nos levou a discutir maneiras de preservar o registro de tais memórias e conservação/preservação/restauração dos patrimônios históricos arquitetônicos.

Consideramos a cultura como um processo de aprendizagem, tendo a vivência na infância como formadora primeira da memória. Conforme podemos constatar nas entrevistas, todos os entrevistados moraram durante sua infância no bairro Centro e compuseram em suas narrações as memórias e as lembranças de maneira muito vívida, cheia de informação e de sentimentos. Essa vivência desde a infância fez com que o bairro se tornasse parte de sua identidade e ganhasse um valor inestimável na trajetória existencial dos entrevistados. Logo, a preservação das memórias e a conservação dos patrimônios históricos são fatores que estão intrinsecamente ligados.

Considerando que um dos objetivos de nossa dissertação é evidenciar um tipo de valorização preservacionista das memórias dos idosos e além do não desaparecimento de seus saberes, juntamente com as investigações dos cenários dos patrimônios arquitetônicos na memória e análise das histórias dos sujeitos locais, chega-se à conclusão de que é possível preservar o patrimônio material sem a preservação das memórias dos sujeitos. Entretanto, esse tipo de preservação se apresentaria como incompleta, vazia, descontextualizada e desmemorializada, já que um determinado imóvel ou certo espaço somente se torna um lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica, e as histórias/memórias fizeram o papel de encaixe do palpável com o não palpável, fazendo com que a comunidade invista seus afetos e emoções nele.

Um casarão em pé, com sua arquitetura preservada e restaurada, com informações sobre sua construção (estilo, materiais utilizados, função social) e depoimentos sobre ele, dadas por quem o presenciou seja em sua construção, seja em sua manutenção, e seja até mesmo em seu processo de arruinamento, recebe um status simbólico mais patrimonial coletivo, já que esse ajuntamento de bem construído no passado com as narrativas diversas dos idosos sobre sua concepção, construção, evidenciação de suas funções, de sua importância local, recaem no status de “Patrimônio Histórico Material e Imaterial” pelo Instituto Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (**IPHAN**), e, por isso, deve ser visto como um bem considerado valioso a um povo, uma sociedade, uma região, ou uma comunidade, com objetivo de preservar um legado para as gerações futuras.

Ainda sobre a valorização das memórias dos velhos, durante as entrevistas ficou evidente como o ato de rememorar a sua vida fez bem para os idosos e como

os fez se sentirem úteis, já que com o passar do tempo e o avanço da idade eles têm cada vez menos participação na vida em comunidade, no ambiente familiar, no espaço do trabalho, que para muitos foram os espaços justificadores de suas existências, e os lugares de suas rotinas pessoais e sociais. Eles puderam assumir uma das mais importantes funções sociais do velho, que é lembrar e aconselhar, ser a ponte do passado com o futuro.

Através desse trabalho pude trazer os velhos como protagonistas da história, reinserindo-os no debate e resgatando a função que por muito tempo foi deles, a de carregar a sabedoria, os costumes e repassá-los aos mais jovens, fazendo a memória cumprir seu papel de vínculo entre presente, passado e futuro.

Quando o idoso se sente bem e importante para a sociedade, entramos em um ponto que certamente tem a ver com os fundamentos do programa de pós-graduação ao qual estou vinculada, juntamente com essa dissertação, o da qualidade de vida. Essa qualidade não pode ser mensurada de forma equânime para todos, pois ela tem dimensões diversas e possui um caráter subjetivo, o qual se baseia na realidade individual que depende da história de cada pessoa, ainda que esse bem-estar individual influencie e seja influenciado pelas dinâmicas que permitem ou não a qualidade de vida coletiva. Exemplificando: qualidade de vida para um doente, é a saúde; para um faminto, é ter comida; para uma pessoa ativa durante toda a vida, acostumada com a participação social, a qualidade de vida é tornar-se útil mais uma vez para si e para o outro.

Sobre a parte arquitetônica dos imóveis localizados no Bairro Centro da cidade de Santarém, no oeste paraense e rememorado pelos idosos, percebe-se a grande influência do modelo colonizador português. Conforme o olhar dos idosos, as casas e solares com seus diversos adornos, com suas eiras e beiras, janelas e portas, algumas com fachadas revestidas de azulejos, outras com componentes artesanais em seus beirais, outros ainda com brasões e datações, evidenciando não apenas o momento arquitetônico da época em que foram construídos, como também a nacionalidade e as condições do poder aquisitivo do proprietário.

Neste ponto, vale um questionamento. Santarém, como a maioria das cidades ribeirinhas do norte brasileiro, possui o histórico de intensa troca cultural entre indígenas, africanas e colonizadores portugueses. No entanto, movidos pelo objetivo exploratório, o uso da violência e da subjugação das culturas indígena e africana,

houve o silenciamento dessas culturas em benefício da portuguesa. Na esteira dessas imposições, o catolicismo também teve grande influência no processo de colonização desde o século XVII, o que moldou o espaço com igreja, condicionada aos tipos culturais de seus fiéis, de origem portuguesa. Além da igreja, que está localizada no centro histórico, há ainda outros monumentos que evidenciam a imponência do passado português em Santarém, no Pará.

Neste sentido, podemos assumir que a cultura arquitetônica europeia se sobrepôs a modelos de arquitetura locais, como os modelos de construções de habitações indígenas e africanas na região. Isso é tão evidente que os modelos europeus foram razoavelmente preservados. Já modelos da arquitetura cultural indígena e quilombola não foi sequer anotado pelos idosos. Nos tempos atuais, entretanto, até mesmo os patrimônios de base estilística portuguesa não estão conseguindo subsistir às tentações da modernidade do urbanismo. Basta recordarmos que não há um patrimônio histórico tombado como patrimônio do município, ou do estado, ou do País até o presente momento, apesar de estar no centro urbano pelo menos 15 construções passíveis de tombamento como bem patrimonial histórico do município.

Por isso afirmamos, com base nos depoimentos coletados, e na convicção da correta opção de nossos procedimentos metodológicos que, apesar do Bairro Centro abrigar a maior parte dos patrimônios arquitetônicos da cidade de Santarém, todos de estilo português oitocentista e novecentista, ele não recebe a devida atenção das entidades civis e das instituições governamentais locais encarregadas do cuidado da cultura. Segundo as narrações memoriais das pessoas idosas que moravam/moram no bairro centro, e que participaram da presente pesquisa, grande parte dos imóveis cedeu lugar a pontos comerciais ou simplesmente ruíram, o que nos leva a pensar que mais estudos sejam realizados para que políticas públicas de preservação ao patrimônio histórico local sejam implantadas a fim de salvaguardá-los, pelo menos os que ainda restam.

Finalmente, é preciso apontar que a preservação das narrativas memoriais dos idosos é um ato fundamental para a garantia da manutenção das identidades dos povos que vivem no município de Santarém, o que implica manter conservados os patrimônios arquitetônicos, os costumes, as crenças, enfim, o modo de viver local. Assim, entendemos que valorizar as narrativas memoriais é a maneira mais eficaz de

preservar as patrimoniaisidades, tanto material como imaterial, da cidade de Santarém, no oeste paraense.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ALBERTI, Verena. História dentro da História. In: **Fontes históricas**: Carla Bassanezi Pinsky,(Org.). 3ªed. São Paulo: Contexto, 2011.
- _____. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- ALVES, Isidoro. A festiva devoção no Círio de Nossa Senhora de Nazaré. In: **Estudos Avançados**, vol.19 no.54, pp, 315-332, São Paulo Mai/Ago, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v19n54/16.pdf>
- ARAÚJO. James Amorim. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, Nº31, pp. 133 - 142, 2012.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011
- BARROS, Eloísa Amorim de. **O benzer quilombola amazônica: a resistência ao modelo oficial de saúde e o fortalecimento de comunidades afrodescendentes de Óbidos-Pará**. Orientador: Itamar Rodrigues Paulino. 2019. 112 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida) – Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida, Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019. Disponível em:<https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/handle/123456789/121>. Acesso em:.21.12.2021
- BAUMAN, Zigmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BOAS, Franz. **Antropologia cultural**. Tradução de Celso de Castro, 6ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade; lembrança de velhos**. 3 ed. São Paulo, RJ: Companhia das letras, 1994.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Secretaria de editoração e publicações - SEGRAF, edição 2017. Página 87.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Convenção sobre os direitos das crianças**, 1989. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/convdir_crianca.pdf
Acesso: 12/11/2020.

_____, **Lei 10.741 – Estatuto do Idoso**. Disponível em: https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/11/1129120/estatuto_idoso2edicao.pdf
Acesso: 03/02/2021.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2016.

CARVALHO, Luciana Gonçalves de. Tradições devotas, lúdicas inovações: o Sairé em múltiplas versões. In: **Revista Sociologia Antropológica**, Rio de Janeiro, v. 06.01: 237–259 abril, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sant/v6n1/2236-7527-sant-06-01-0237.pdf>

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. O Boi-Bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da festa. In: **Revista História, Ciências, Saúde–Manguinhos**, vol.6 (suplemento), setembro/2000, pp. 1019-1046. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v6s0/v6s0a11.pdf>

COCENTINO, Jamille Mamed Bomfim e VIANA, Terezinha de Camargo. A velhice e a morte: reflexões sobre o processo de luto. Ensaio. **Rev. bras. geriatr. gerontol.** 14 (3), 2011. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232011000300018>

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. 2ªed. São Paulo, Companhia da Letras: 1995.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBBS, Thomas. **De Cive: Philosophicall Rudiments Concerning Government and Society. Or, A Dissertation Concerning Man in his severall habitudes and respects, as the Member of a Society, first Secular, and then Sacred**. London, J.C./ R. Royston, 1651. Disponível em Domínio Público em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cs000003.pdf>

IKEDA, Alberto Tsuyoshi; PELLEGRINI FILHO, Américo. **Celebrações populares: do sagrado ao profano**. In: **Centro de Estudos e Pesquisas em Educação e Ação Comunitária**. Terra Paulista: Histórias, artes, costumes, v. 3, Manifestações artísticas e celebrações populares no Estado de São Paulo. São Paulo: Imprensa Oficial; CENPEC, 2008.

JULLIEN, François. **O diálogo entre as Culturas: do universal ao multiculturalismo**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. (Coleção Repertórios) Tradução Bernardo Leitão... [et al.] Campinas: UNICAMP, 1990.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Pesquisa qualitativa – um instigante desafio**. São Paulo: Editora Veras, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social – teoria, método e criatividade**. 18 edição. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINTZ, Sidney W. Cultura: uma visão antropológica. In: **Tempo** [online]. 2010, vol.14, n. 28, pp.223-237. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042010000100010&lng=en&nrm=iso. ISSN 1413-7704. <https://doi.org/10.1590/S1413-77042010000100010>. Acesso: 22/07/2020

NORA, Pierre. Entre memória e história. In: **Revista do Programa de estudos pós-graduados de história**. ISSN 2176-2767. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763> Acesso: 22/07/2020

OEA. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948. Disponível em: <https://www.oas.org/dil/port/1948%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20Universal%20dos%20Direitos%20Humanos.pdf> Acesso: 12/11/2020.

OEA. **Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais**, 1966. Ratificada pelo Brasil em 24 de janeiro de 1992. Disponível em: <https://www.oas.org/dil/port/1966%20Pacto%20Internacional%20sobre%20os%20Direitos%20Econ%C3%B3micos,%20Sociais%20e%20Culturais.pdf> Acesso:12/11/2020

OAE. **Comissão Interamericana de Direitos Humanos. Convenção Americana de Direitos (Pacto de San José da Costa Rica)**, 1969. Disponível em: https://www.cidh.oas.org/basicos/portugues/c.convencao_americana.htm Acesso em: 12/11/2020.

PAULINO, Itamar. **A Amazônia entre culturas, identidades e memórias**. Culturas e imaginários: deslocamentos, interações e superposições/organização Rogério Lima, Maria da Glória Magalhães. - 1. ed. - Rio de Janeiro : 7Letras, 2018.

_____. **Encontro das Folias de Santo: bênção à Cidade Presépio**. In: Óbidosnet, 25.07.2016, p.#1. Disponível em: <http://www.obidos.net.br/index.php/artigos/485-encontro-das-folias-de-santo-bencao-a-cidade-preseprio>.

_____. Fundamentação Teórica do Proext-Cima. In: **Formulário-Síntese da Proposta – ProEXT 2016**. BRASIL. Ministério da Cultura, Sigproj, 2016. Pp. 01-91.

PLAUTO. Asinaria. La **Comedia de los Asnos**. (≅ 200 dC). Traducción y notas de Mercedes González-Haba. Biblioteca Clásica Gredos, 170. Madrid-ESP, Editorial Gredos, 2018. Disponível em: <https://losapuntesdefilosofia.files.wordpress.com/2018/05/plauto-tito-macio-asinaria-bilingue.pdf>

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <http://www.pgdef.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf> Acesso: 20/05/2020.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2, n. 3, 1989, p. 13 a 15. Disponível em <https://docente.ifrn.edu.br/andreacosta/memoria-e-patrimonio-cultural/texto-memoria-esquecimento-silencio-pollak/view> Acesso: 20/05/2020.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luta e senso comum. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da História oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

QUEIROZ, M. I. P. de. **Relatos orais: do indizível ao dizível**. Ciência e Cultura, São Paulo, v. 39, n.3, p. 272-286, mar. , 1987.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O Contrato social ou princípios do direito político**. São Paulo: Escala Educacional, 2006.

SENA, Cristovan. **O Castelo e a morte anunciada**. Instituto Cultural Boanerges Sena, 2022. Disponível em: <https://www.icbsena.com.br/artigo-34>. Acesso em: 12, julho 2022.

SILVA, Daniel Afonso. A presença de Claude Lévi-Strauss. In: **Revista Brasileira de Ciências da Sociologia**, São Paulo, v. 31, n. 91, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092016000200704&lng=en&nrm=iso Acesso: 14/07/ 2020.

SILVA, Elian Karine Serrão da; PAULINO, Itamar Rodrigues. O Carnaval na Amazônia e a identidade sociocultural transgressora do risível Mascarado Fobó. In: **ContraCorrente: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas**, [S.l.], n. 15, p. 113-132, jan. 2021. Disponível em: <http://periodicos.uea.edu.br/index.php/contracorrente/article/view/2018>. Acesso: 29/03/2021.

SILVA, Lucia. Trajetória de um Conceito: Patrimônio, entre a Memória e a História. Mosaico – **Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 1, n. 1, p. 36-42, jan./jun., 2010

SILVA, Rosimara. **Os signos da Memória em Milan Kundera**. Brasília: POSLIT/UnB, 2011. Dissertação de Mestrado.

SOUZA, Mauricio Rodrigues de. Por uma educação antropológica: comparando as ideias de Bronislaw Malinowski e Paulo Freire. In: Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, p. 487-496, Dec. 2006 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782006000300009&lng=en&nrm=iso Acesso: 13/07/2020

TYLOR, Edward Burnett. **Primitive Culture: researches into the development of**

mythology, philosophy, religion, art, and custom. London, John Murray, 1871.

UNESCO. **Recomendação Sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular** (1989). Paris. Disponível em: <https://ich.unesco.org/doc/src/00009-PT-Brazil-PDF.pdf>
Acesso:12/11/2020

VOLDMAN, Daniele. Definições e usos. In: I. AMADO, Janaína. II FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral.** 8. ed. - Rio de Janeiro: Editora FGV. 2006. (33-41)

WORCMAN, Karen e PEREIRA, Jesus Vasquez. **História falada: memória, rede e mudança social.** Coordenadores Karen Worcman e Jesus Vasquez Pereira. São Paulo: SESC SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

ANEXO I

ROTEIRO DA ENTREVISTA

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

DADOS PARA IDENTIFICAÇÃO	RESPOSTA
Nome completo	
Data de nascimento	
Grau de escolaridade	
Sexo	
Tempo de moradia no Bairro Centro	

QUESTIONÁRIO

Quanto as memórias de infância e juventude

Q 01- Há quanto tempo você mora no bairro Centro? Onde morou antes de vir para a o bairro Centro? Por que escolheu o bairro Centro para morar?

Q 02 - Descreva a rua e o bairro de sua infância?

Q 03 - Como era viver no bairro antigamente? O que mudou?

Q 04 - O que mais você sente falta em relação à forma antiga do bairro?

Q 05 - Quais as principais mudanças de construção da época no seu bairro?

Q 06 - Você mora em habitação construída? Sua moradia tem quantos anos de construção?

Q 07 – Qual a sua opinião sobre a ideia de transformar sua moradia em patrimônio histórico de Santarém?

Quanto às memórias dos patrimônios históricos

Q 08 - Identifique quais eram principais prédios e casas existentes durante sua juventude?

Q 09 - Os prédios e casas que você identificou ainda existem?

Q 10 - Se esses prédios e casas ainda existem, descreva a arquitetura deles.

Q 11 - Se eles não existem mais, descreva como eram antigamente.

Q 12 - Quais mudanças estruturais que ocorreram no bairro Centro que você percebeu com o passar do tempo?

Q 13 - Fale sobre os prédios mais antigos que ainda estão de pé, e a lembrança que você tem deles.

Q 14 – Qual o prédio/casa/ casarão mais marcante para você e que hoje não existe mais? Fale sobre ele/ela.

Q 15 - Sobre preservação do patrimônio histórico, você acha importante?

Q 16 - O que você acha sobre a revitalização e reformas (descaracterização) nesses patrimônios?

Q 17 - Para você é importante a preservação do patrimônio cultural do município?

Q 18 - O que você achou de contar um pouco da sua história e dos prédios do bairro Centro?

ANEXO II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA
CENTRO DE FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE, AMBIENTE E QUALIDADE DE VIDA - MESTRADO ACADÊMICO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário/a, da pesquisa PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO DE SANTARÉM: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DOS SUJEITOS LOCAIS, de responsabilidade do(a) pesquisador(a) **Karina Barros Gonçalves**.

Leia cuidadosamente o que segue e me pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que consta em duas vias. Uma via pertence a você e a outra ao pesquisador responsável.

Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:

1. O trabalho tem por objetivo discutir a situação patrimonial histórica a partir dos relatos memoriais de pessoas idosas no e do Bairro Centro, de Santarém-PA;
2. A minha participação nesta pesquisa consistirá em responder a um questionário com perguntas qualitativas e quantitativas;
3. Ao participar desse trabalho estou ciente de que estarei contribuindo com a promoção de estudos e pesquisa sobre a questão a situação patrimonial histórica a partir dos relatos memoriais de pessoas idosas no e do Bairro Centro, de Santarém-PA, e de possíveis benefícios diretos e/ou indiretos que a pesquisa trará;
4. A minha participação nesta pesquisa é apenas a de responder ao questionário enviado pela coordenação da pesquisa, respeitando o tempo dedicado a responder, fidedignidade das informações e de material relevantes ao andamento da pesquisa;
5. Não terei nenhuma despesa ao participar da pesquisa e poderei deixar de participar ou retirar meu consentimento a qualquer momento, prévio à finalização da pesquisa, sem precisar justificar, e não sofrerei qualquer prejuízo;
6. Fui informado e estou ciente de que não há valor econômico a receber ou a pagar por minha participação;
7. Fui informado que os dados coletados serão utilizados, **única e exclusivamente**, para fins desta pesquisa e de registro em dissertação de mestrado, bem como em artigos correlacionados;
8. Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Karina Barros Gonçalves, pesquisadora responsável pela pesquisa, telefone: (93)99151-1914, e-mail: karina-stm@hotmail.com.

Eu, _____, RG nº _____
declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário(a), da pesquisa acima descrita. E confirmo que:

- () Meu nome deverá ser mantido em sigilo, assegurando assim a minha privacidade, e se eu desejar terei livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.
- () Meu nome pode ser citado na pesquisa, na dissertação e nos artigos que do estudos resultarem, abolindo minha privacidade exclusivamente quanto à entrevista sobre os hábitos culturais e saúde coletiva, além de que terei livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Santarém, ____ de _____ de 2022.

Assinatura do participante

Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento